



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA  
CAMPUS IV  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES – DLH  
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**CAROLINE FERREIRA DA SILVA**

**COLONIZAÇÃO E RESISTÊNCIA NA OBRA *A CIDADE E A INFÂNCIA* DE  
JOSÉ LUANDINO VIEIRA**

**CATOLÉ DO ROCHA – PB  
2024**

CAROLINE FERREIRA DA SILVA

**COLONIZAÇÃO E RESISTÊNCIA NA OBRA *A CIDADE E A INFÂNCIA* DE  
JOSÉ LUANDINO VIEIRA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades – CCHA/CAMPUS IV, da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Auríbio Farias  
Conceição

**CATOLÉ DO ROCHA – PB  
2024**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586c Silva, Caroline Ferreira da.  
Colonização e resistência na obra "A cidade e a infância" de José Luandino Vieira [manuscrito] / Caroline Ferreira da Silva. 2024.  
55 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2024.

"Orientação: Prof. Dr. Auríbio Farias Conceição, Departamento de Letras e Humanidades - CCHA".

1. Colonização. 2. Resistência. 3. Literatura angolana. I.  
Título

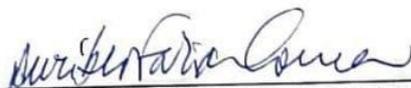
21. ed. CDD 896

CAROLINE FERREIRA DA SILVA

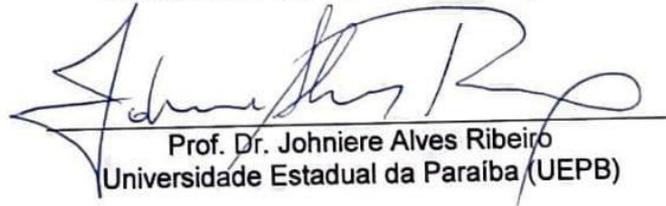
**COLONIZAÇÃO E RESISTÊNCIA NA OBRA A CIDADE E A INFÂNCIA DE  
JOSÉ LUANDINO VIEIRA**

Aprovada em: 19/11/2024.

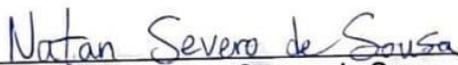
**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Dr. Auríbio Farias Conceição.  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Johniere Alves Ribeiro  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Esp. Natan Severo de Sousa  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

**CATOLÉ DO ROCHA – PB  
2024**

Dedico este trabalho a Deus, que é minha fonte de força e apoio, à minha mãe, que sempre foi minha maior incentivadora nos estudos, e ao meu pai, que, mesmo sem ter tido acesso à educação, fez todo o possível para que eu pudesse sonhar e realizar meus objetivos.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, antes de tudo, a **Deus**, que é a luz que ilumina meu caminho e a força que me sustenta em cada passo dessa jornada. Sem Ele, eu não estaria aqui hoje, realizando este sonho que parecia tão distante. Sua presença constante em minha vida me deu coragem nos momentos de dúvida e conforto nas horas de dificuldade. Cada conquista é uma prova do Seu amor e da Sua graça, e sou eternamente grata por cada bênção recebida.

Agradeço também à minha mãe, **Suzana Ferreira**, mulher extraordinária que sempre acreditou em mim, mesmo antes de eu ousar sonhar. Desde os meus primeiros passos, ela foi a voz suave que sussurrava palavras de encorajamento e amor, a força silenciosa que me impulsionou a acreditar nas minhas capacidades.

Ao meu pai, **Francisco Alves**, que sempre fez questão de que eu tivesse acesso à educação. Por nunca deixa faltar nada para que eu pudesse estudar com tranquilidade e dedicação. Suas palavras de incentivo me mostraram que o valor do conhecimento vai além de um diploma.

Assim como ao meu marido, **Leonardo Vieira de Sousa**, cuja presença tem sido um pilar inabalável em minha vida. Sou eternamente grata por todo o apoio e sacrifício que ele fez para que eu pudesse estudar, tanto financeiramente quanto emocionalmente. Sua compreensão e amor tornaram essa jornada possível e me deram a força necessária para seguir em frente.

Gostaria de expressar minha profunda gratidão às minhas amigas e companheiros de curso, que tornaram essa jornada ainda mais significativa. Especialmente, a **Ana Karolina Araújo Neto**, minha fiel dupla, que esteve ao meu lado em cada desafio, suportando os dias difíceis e celebrando os momentos de alegria. Sua presença constante e seu ouvido atento foram fundamentais para me manter motivada ao longo de todo esse percurso.

À **Leandra Alves**, que aceitou dividir comigo os desafios acadêmicos com tanto carinho. Sua disposição em colaborar nas minhas ideias, por mais malucas que fossem, sempre trouxe um toque especial às nossas apresentações. Sou grata por sua atenção e apoio incondicional.

Agradeço de coração à minha grande amiga **Liriel**, uma leal companheira tanto na faculdade quanto na vida. Sua capacidade de me ouvir nos momentos

em que eu precisava desabafar foi um alicerce para mim. Obrigada por me incentivar a não desistir do propósito deste TCC e por toda a ajuda durante a escrita deste trabalho.

Não posso deixar de expressar minha profunda gratidão à **Rita de Cássia**, uma amiga preciosa que considero um verdadeiro presente de Deus. Sua amizade me acompanhou durante esses cinco anos de curso, sempre trazendo luz e apoio.

Por fim, agradeço à minha amiga e parceira **Maria Eduarda da Silva Pereira**. Suas palavras de incentivo nos momentos mais desafiadores foram essenciais para mim. Compartilhar com ela uma das etapas mais importantes do curso, o estágio supervisionado, foi uma experiência enriquecedora pela qual sou eternamente grata.

Sou profundamente grata ao meu orientador, o Professor Dr. **Aurílio Farias**. Sua paixão pela literatura despertou em mim um gosto profundo por esse universo, especialmente pela literatura africana. Também agradeço por me apresentar o livro *A Cidade e a Infância*, que irei apreciar como tema do meu TCC. Valorizo imensamente essa recomendação, pois o livro é essencial para a compreensão do tema que estou abordando. Seu incentivo e conhecimento foram fundamentais para ampliar minha visão sobre esse assunto tão fascinante e importante.

Além disso, gostaria de expressar minha gratidão a todos os professores que me incentivaram e apoiaram durante esses cinco anos. Agradeço também aos membros da minha banca, ao Professor **Natan** e ao professor Dr. **Johniere**, pela atenção e pelas valiosas contribuições. O apoio de vocês foi fundamental para o meu desenvolvimento acadêmico.

Um agradecimento especial ao Irmão **Neto** por toda a atenção e apoio quando eu tinha dúvidas. Sua disponibilidade para ajudar fez toda a diferença na minha trajetória acadêmica. Por fim, agradeço a todos os **Colaboradores da UEPB**. Vocês tornaram essa jornada mais leve e cheia de aprendizado. A energia positiva e o companheirismo de todos foram essenciais para que eu chegasse até aqui.

Este trabalho é um tributo à força e ao exemplo das pessoas incríveis que me cercam. Obrigada por serem minhas maiores inspirações.

*Nossa voz ergueu-se consciente e  
bárbara  
Sobre o branco egoísmo dos  
homens  
Sobre a indiferença assassina de  
todos.*

*(Noémia de Sousa)*

## RESUMO

Este trabalho analisa a opressão colonial e suas repercussões nas dinâmicas sociais angolanas, com base na obra “A Cidade e a Infância” de José Luandino Vieira (2007). O intuito da pesquisa é investigar como a colonização é expressa na literatura, especialmente nas narrativas históricas e culturais apresentadas no livro. Além disso, serão examinadas as táticas de resistência adotadas durante o processo colonial, considerando o cenário de dominação e os impactos sociais decorrentes. A pesquisa foi realizada por meio de um corpus teórico de caráter descritivo, incluindo obras de autores como Frantz Fanon (2022,2024), Laranjeira (1975, 2001), Moraes (2006) e Silva (2018), entre outros teóricos. Os resultados indicam que as estratégias de luta emergem como um importante testemunho da busca por identidade nas narrativas históricas, evidenciando a complexidade das relações sociais sob o jugo colonial e a resiliência dos personagens colonizados diante das adversidades. Verifica-se que a obra de Luandino Vieira não apenas retrata a dor da opressão, mas também exalta a força da resistência cultural e social no contexto angolano.

**Palavras-Chave:** Colonização, Resistência e Literatura Angolana.

## **ABSTRACT**

This paper analyzes the colonial oppression and its repercussions on Angolan social dynamics, based on the book "The City and Childhood", by José Luandino Vieira (2007). The aim of the research is to investigate how colonization is expressed in literature, especially in the historical and cultural narratives presented in the book. In addition, the tactics of resistance adopted during the colonial process will be analyzed, considering the scenario of domination and the resulting social impacts. The research was based on a theoretical corpus of a descriptive nature, including works by authors such as Frantz Fanon (2022, 2024), Laranjeira (1975, 2001), Moraes (2006) and Silva (2018), among other theorists. The results indicate that strategies of struggle emerge as an important testimony to the search for identity in historical narratives, highlighting the complexity of social relations under colonial rule and the resilience of colonized characters in the face of adversity. Luandino Vieira's work not only portrays the pain of oppression, but also exalts the strength of cultural and social resistance in the Angolan context.

**Keywords:** colonization, resistance and Angolan literature.

## SUMÁRIO

<b>1.INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2.JOSÉ LUANDINO VIEIRA: UM MARCO NA LITERATURA ANGOLANA... 14</b>	
<b>3.CAMINHOS DE LUTA: A COLONIZAÇÃO AFRICANA E O PÓS- INDEPENDÊNCIA EM ANGOLA. ....</b>	<b>22</b>
<b>4.ENTRE FRONTEIRAS E HISTÓRIAS: ANÁLISE DOS CONTOS A FRONTEIRA DE ASFALTO, BEBIANA, FAUSTINO E QUIZINHO.....</b>	<b>32</b>
4.1 <i>A Fronteira de Asfalto</i> : Dois Mundos, Uma Amizade.....	34
4.2 Conto <i>Bebiana</i> : Don'Ana e os Desafios da Mulher Colonizada .....	37
4.3 Conto <i>Faustino</i> : O Preço do Conhecimento em um Mundo de Desigualdade.....	41
4.4 Conto <i>Quinzinho</i> : Poesia e Memória em Tempos de Colonização .....	45
<b>5.CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>50</b>
<b>REFERÊNCIAS:.....</b>	<b>52</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A colonização, um fenômeno que se estendeu por várias partes do mundo entre os séculos XV e XX, não apenas transformou geografias, mas também desestabilizou profundamente as relações sociais e culturais nas sociedades afetadas. No caso de Angola, a colonização portuguesa, iniciada entre os séculos XV e XVI e prolongada até a independência em 1975, que impôs sua língua, religião e cultura, resultando em uma luta constante pela preservação da identidade cultural. Neste contexto, a obra *A Cidade e a Infância* de José Luandino Vieira explora as estratégias de resistência dos colonizados diante da dominação colonial, destacando como essas táticas foram essenciais para a preservação da identidade cultural e do pertencimento social. Através de personagens que vivenciam a opressão colonial, Vieira revela os impactos sociais dessa realidade, proporcionando uma análise crítica do cenário em que se desenrolam essas lutas. Assim, o estudo das resistências não se limita a uma simples reação à opressão, mas se torna um campo fértil para compreender as complexas interações humanas em um contexto de desigualdade.

Como Frantz Fanon (2022) argumenta, a colonização é, antes de tudo, uma relação de poder, uma relação de força. É a imposição de uma cultura sobre outra, o que resulta na desumanização do colonizado e na necessidade de resistência para recuperar a própria identidade. Esse processo de resistência, frequentemente manifestado por povos nativos que lutaram para preservar suas identidades e territórios, é tão fundamental quanto a colonização em si. Ele reflete as lutas pela autonomia e pela dignidade humana, evidenciando a complexidade das interações sociais e culturais durante esse período.

A literatura portanto desempenha um papel crucial nesse contexto, funcionando como um meio de expressão e resistência. Através das palavras, os autores colonizados conseguem dar voz às suas experiências, contar suas histórias e afirmar suas identidades diante da subjugação. Ela se torna um espaço de luta onde se reescrevem narrativas históricas, contestando as versões impostas pelos colonizadores. Além disso, a literatura propicia a

construção de uma consciência coletiva entre os oprimidos, fortalecendo os laços culturais e promovendo a reflexão crítica sobre as injustiças enfrentadas.

Bosi (2002, p.118) observa que “resistência é originariamente um conceito ético, e não estético. O seu sentido mais profundo apela para a força de vontade que resiste a outra força, exterior ao sujeito. Resistir é opor a força própria à força alheia”. Tal definição ressoa com as experiências dos personagens de Luandino, como Faustino e Quinzinho, que exemplificam a luta pela preservação de suas identidades culturais. Através de suas vivências, Vieira revela como a resistência se manifesta em ações cotidianas que desafiam a exploração cultural, reafirmando a dignidade humana em um contexto de injustiça.

Assim, o questionamento central deste trabalho é como se apresentam as estratégias de resistência contra a colonização na obra *A Cidade e a Infância* de José Luandino Vieira? A obra permite examinar as relações de poder que permeiam os processos de colonização e as respostas dos personagens colonizados a essas dinâmicas. Ao investigar como essas relações foram rebatidas, é possível identificar formas sutis e explícitas de resistência que desafiam a narrativa dominante. Ao explorar as intersecções entre colonização e resistência, *A Cidade e a Infância* oferece uma visão rica das narrativas históricas e culturais que moldam a experiência dos colonizados. Assim, este trabalho busca analisar como se apresentam essas estratégias de resistência na obra de Luandino Vieira, contribuindo para uma compreensão mais ampla das lutas sociais e culturais que ocorreram durante o contexto colonial angolano.

Nesse sentido, justifica-se o tema da presente pesquisa, “Colonização e resistência baseado na obra *A Cidade e a Infância* de José Luandino Vieira”, pelas inquietações referentes à representação da opressão colonial e suas repercussões nas dinâmicas sociais angolanas. A obra de Luandino Vieira oferece um espaço rico para investigar como as experiências de resistência emergem em meio à colonização, refletindo a realidade histórica e cultural de Angola. Assim, objetivamos analisar ações nas narrativas que permitem uma compreensão mais profunda dessas tensões, buscando destacar a importância da literatura como forma de resistência e afirmação identitária.

A relevância deste tema se estende além do âmbito acadêmico, ele toca questões fundamentais sobre identidade cultural e social em Angola. Ao explorar *A Cidade e a Infância*, podemos compreender melhor o papel da literatura na

formação de identidades coletivas e individuais em contextos históricos desafiadores. Este estudo não só contribui para o campo da literatura africana, mas também oferece insights valiosos para educadores, pesquisadores e ativistas envolvidos em questões sociais.

A pesquisa visa contribuir para o entendimento das relações entre literatura, cultura e identidade em Angola. Espera-se que os resultados ofereçam novos olhares sobre o papel das vozes marginalizadas nas narrativas literárias africanas, além de destacar a importância dessas vozes na construção do conhecimento histórico-cultural do país. As potenciais aplicações dos resultados incluem discussões acadêmicas mais amplas sobre resistência cultural e educação literária.

Os principais autores que fundamentarão esta pesquisa incluem José Luandino Vieira (2007) e teóricos da literatura africana dos períodos colonial e contemporâneo, como Frantz Fanon (2022, 2024), Laranjeira (1975, 2001), Moraes (2006) e Rita Chaves (2023, 2005). Além desses, foram utilizados diversos outros autores e estudiosos que abordam as questões sociais em Angola, os quais serão essenciais para embasar as análises. As teorias sobre colonialismo, identidade cultural e resistência desses autores proporcionarão um suporte teórico robusto, contribuindo para um entendimento mais profundo das dinâmicas literárias e culturais do país.

Em síntese, nossa pesquisa sobre a colonização e resistência em Angola está organizada em três tópicos principais: no primeiro, "José Luandino Vieira: um marco na literatura angolana" discutimos a relevância de Vieira como uma figura central na literatura angolana, refletindo as experiências históricas da colonização e da luta pela independência. No segundo tópico, "Caminhos de luta: a colonização africana e o pós-independência em Angola," exploramos os processos históricos da colonização e suas consequências na sociedade angolana, analisando as lutas políticas e sociais que moldaram o cenário pós-independência, ao mesmo tempo em que contextualizamos essas experiências dentro da perspectiva geral da colonização africana, destacando como as dinâmicas de exploração, desestruturação social e resistência se manifestaram em todo o continente e influenciaram a busca por autonomia e identidade cultural dos povos africanos. Já no terceiro tópico, "Entre fronteiras e histórias: análise dos contos *A Fronteira de asfalto*, *Bebianna*, *Faustino* e *Quizinho*," realizamos

uma análise literária dos contos que abordam as temáticas da colonização e resistência, revelando como essas narrativas refletem os conflitos sociais e culturais persistentes. Por fim, a última parte desse trabalho será dedicada às considerações finais, onde se buscará sintetizar os principais achados da pesquisa e refletir sobre a importância dessas discussões para a compreensão das complexas relações entre passado e presente em Angola.

## **2. JOSÉ LUANDINO VIEIRA: UM MARCO NA LITERATURA ANGOLANA**

José Luandino Vieira, cujo nome de nascimento é José Vieira Mateus da Graça, é um renomado escritor angolano nascido em 4 de maio de 1935 em Lagoa, no Algarve, Portugal. No entanto, ele passou a maior parte de sua vida em Angola, mais especificamente em Luanda, onde cresceu nos musseques, bairros periféricos da cidade. Considerado uma das figuras mais proeminentes da literatura angolana, sua obra é marcada por uma profunda conexão com a realidade sociocultural de Angola, especialmente durante os períodos colonial e pós-colonial. Luandino não apenas retratou a luta do povo angolano contra a opressão colonial, mas também ajudou a moldar a identidade literária do país após a independência.

Segundo Russell G. Hamilton:

José Luandino Vieira é um produto feliz do paradoxo do sistema colonial português. Isto é, filho de colonos humildes, ele foi criado em bairros populares onde conviveu com meninos das três comunidades rácio-sociais, e não só observou, como também participou da vida crioulo-kimbundu dos musseques e da zona urbana (Hamilton, 1981, p.130).

Essa vivência multifacetada em um ambiente de diversidade cultural e social foi fundamental para a formação de sua identidade e para a riqueza de suas obras. Crescendo em um país marcado por uma mistura de etnias, línguas e tradições, o autor teve acesso a uma variedade de experiências que moldaram sua visão de mundo.

Durante o período colonial, Angola estava sob domínio português, e a literatura refletia as tensões sociais e políticas da época, marcada pela censura e pela marginalização das vozes locais. Nesse cenário, a obra de Vieira, emergiu

como um ato de luta e resistência, apresentando personagens que vivem as dificuldades do cotidiano sob um regime opressivo. Em obras como *Luuanda*(2006), o autor apresenta a vida na cidade de Luanda e as interações entre diferentes classes sociais, utilizando uma linguagem rica que dialoga com as tradições orais angolanas.

Nesse contexto, Luandino foi um dos primeiros escritores a dar voz ao povo angolano, descrevendo suas experiências e sentimentos em relação à colonização. Seus escritos são marcados por um forte sentido de lugar e identidade, capturando não apenas as dificuldades, mas também as esperanças do povo. Ele utiliza em suas publicações o português de forma inovadora, incorporando expressões locais e elementos do kimbundu, uma língua angolana, criando assim um estilo que representa a oralidade e a cultura angolana. Essa abordagem não apenas enriquece a narrativa, mas também torna suas histórias mais acessíveis e relevantes para o povo angolano, refletindo suas vivências e tradições.

Contudo, a importância de José Luandino Vieira, vai além de sua habilidade como escritor, ele se tornou um símbolo da resistência cultural e política. Durante sua prisão em Portugal por atividades políticas contra o colonialismo, acusado de ter conexões políticas com o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), o autor foi detido em 1959 pela PIDE (Polícia Internacional de Defesa do Estado), durante um evento que ficou conhecido como o 'processo dos 50'. Em 1961, foi novamente preso pela PIDE, sendo sentenciado a 14 anos de reclusão e medidas de segurança. Em 1964, foi transferido para o campo de concentração do Tarrafal, em Cabo Verde, onde permaneceu por oito anos. Só conseguiu sua liberdade em 1972, sob vigilância, e nesse período passou a viver em Lisboa. Após a queda do regime em 25 de Abril de 1974, ele finalmente pôde retornar a Angola e, em 1975, fundar a União dos Escritores Angolanos. (Bezerra, 2008, p.4)

Vale ressaltar que, mesmo durante seu tempo na prisão, o autor continuou escrevendo, demonstrando seu compromisso inabalável com a luta pela liberdade. Segundo Manoel Ferreira (1987), o texto literário africano refuta a legitimidade do colonialismo ao se concentrar na revelação e valorização do universo africano como sua essência fundamental. Dessa forma, Luandino Vieira se destaca não apenas como um escritor, mas também como um verdadeiro

cronista da luta angolana. Sua voz ressoa até os dias atuais, inspirando novas gerações a lutar por justiça e por uma identidade própria.

No entanto este trabalho visa analisar a obra *A Cidade e a Infância* de José Luandino Vieira, destacando como suas experiências pessoais e seu contexto histórico influenciaram a construção da identidade angolana na literatura anticolonial. Um dos principais focos do estudo da obra inaugural do escritor angolano é o fato de que *A Cidade e a Infância* é um dos poucos livros escritos pelo autor fora das prisões, antes de um longo encarceramento que durou onze anos. Portanto, ele foi elaborado ainda em um período de liberdade, repleto de lembranças da cidade e da infância em Luanda.

Antes da primeira edição de *A Cidade e a Infância*, a habilidade literária de Luandino Vieira se manifestou precocemente, quando ele tinha apenas dezesseis anos, através do conto "O Cartaz", que foi publicado nos registros do Liceu "O Estudante" em 1952. Nos anos seguintes, ele contribuiu com diversos textos para várias revistas, destacando-se especialmente na revista 'Mensagem', onde compartilhou espaço com outros jovens escritores.

Publicada originalmente em 1960, *A Cidade e a Infância* é uma coleção de relatos curtos que entrelaçam experiências reais e fictícias da infância do autor, retratando a luta pela emancipação de Angola. A linguagem transformadora de Vieira, destaca a busca pela lembrança de um passado repleto de conflitos e exclusão, visando construir um futuro que preserve os ideais de sonho e liberdade. Neste livro, o autor não apenas narra as experiências de sua infância em Luanda, mas também constrói um retrato vívido da sociedade angolana sob domínio colonial. A obra é fundamental para entender as dinâmicas sociais, culturais e políticas de Angola durante o período colonial, bem como suas repercussões no período pós-independência.

É importante destacar que, durante a colonização, as autoridades portuguesas empreenderam um esforço deliberado para moldar a narrativa sobre Angola. Os colonizadores buscavam legitimar sua presença e domínio, promovendo uma imagem idealizada do país como um "paraíso" exótico, onde a natureza exuberante e as tradições locais eram retratadas de maneira positiva. Em relação a isso, Laranjeira (1975, p.180) aborda que "Essa literatura era incentivada oficialmente para funcionar como instrumento ideológico do estado colonial". Assim, muitos escritores sentiam-se pressionados a criar obras que

respeitassem essa visão, evitando críticas abertas ao colonialismo e à exploração que aconteciam nas sombras.

Qualquer obra literária que ousasse desafiar as normas coloniais e que, de maneira clara, não glorificasse o império colonial era brutalmente censurada e banida da sociedade. Essa repressão se manifestava em uma vigilância implacável sobre a produção cultural, onde vozes dissidentes eram silenciadas e a liberdade de expressão estava sob constante ameaça. A literatura, que deveria ser um espaço de reflexão e crítica, tornava-se um campo de batalha, onde a autenticidade e a verdade eram sacrificadas em nome da manutenção de um regime opressor. Assim como afirma Maria Aparecida Santilli, os livros africanos "gerados no espaço ou no tempo da África colonial, quase sempre viveram sua primeira infância como os filhos proibidos: às escondidas, na marginalidade" (Santilli, 1985, p.5).

Com o livro *A Cidade e a Infância*, a situação não foi diferente. Na sua primeira tentativa de publicação, em 1957, a obra foi proibida pelas autoridades coloniais de ser divulgada ao público. Essa proibição não era apenas uma questão de censura literária, mas refletia o medo do regime em relação a qualquer narrativa que pudesse questionar a ordem estabelecida ou incitar sentimentos nacionalistas entre os angolanos. No relato do próprio autor, durante uma entrevista cedida ao portal Literafro, podemos aprofundar nossa compreensão sobre esse assunto.

No dia seguinte de manhã, quando passei pela tipografia, disseram-me que tinham estado as autoridades e que tinham apreendido a edição toda. O próprio administrador do Conselho de Luanda tinha ido lá, com não sei o quê, fez um auto e levou tudo. Eu reclamei, pedi audiência já não me lembro a quem lá no governo e disseram-me "Não, não; não é por nada, é porque o senhor está no serviço militar e publicou um livro sem autorização do general comandante. (Rita Chaves; Jacqueline Kaczorowsk, in Luandino Vieira, 2023)

Por meio dessas palavras, é possível perceber que a explicação não apenas destacava a arbitrariedade da repressão, mas também evidenciava o domínio absoluto que as autoridades exerciam sobre a produção artística e intelectual. Nesse contexto, a batalha pela liberdade de expressão se tornava um desafio ainda mais complexo, já que a criatividade era frequentemente vista como uma ameaça à ordem estabelecida.

Nesse cenário, a criatividade e a inventividade linguística emergem como formas de resistência, desafiando as narrativas coloniais e reconstruindo a história do povo angolano. Essas expressões artísticas refletem as aspirações coletivas de uma nação em busca de autonomia. Dessa forma, essa dinâmica é essencial para compreender como a literatura se transforma em um espaço de afirmação identitária e de expressão das múltiplas realidades vividas pelos angolanos. Como destaca Mata (1998, p. 263), "a criatividade e a inventividade linguística são características de literaturas que se querem afirmar diferentes da do colonizador."

Em Angola, antes da conquista da independência, nas décadas de 1950 e 1960, a busca pela identidade nacional se manifestava por meio da poesia, que servia como um veículo para a expressão lírica autêntica ligada à luta nacionalista. Contudo, os contos desempenharam um papel igualmente fundamental nessa narrativa. Os escritores africanos exploravam com intensidade diversos aspectos linguísticos e estilos variados, transitando da poesia à prosa. A oralidade e a memória se entrelaçam nos contos, que se tornam uma forma poderosa de resistência e reflexão sobre a realidade vivida. Assim, as literaturas dos países africanos colonizados por Portugal não apenas se destacam pelo lirismo, mas também se firmam como um espaço de contestação e crítica social. Por meio de suas narrativas, os escritores angolanos, assim como José Luandino Vieira, desafiam a opressão colonial, utilizando a literatura como uma forma de resistência cultural e afirmação da identidade nacional.

À medida que essa busca ardente pela identidade se intensificava, novos e vibrantes movimentos literário-culturais emergiam como resposta à crescente conscientização social e política. Intelectuais negros, mestiços e brancos das camadas médias urbanas começaram a se mobilizar em torno de uma produção literária que não apenas reivindicava a rica cultura africana, mas também desafiava de forma contundente as narrativas coloniais opressoras. Esses jovens escritores, quase todos na flor da idade, encontraram na literatura um poderoso meio não apenas de expressar suas frustrações e aspirações profundas, mas também para moldar uma nova e audaciosa perspectiva sobre o mundo que os cercava. Dessa forma, é importante destacar as palavras de Russell Hamilton, que afirma que:

Surgiram movimentos literário-culturais propulsionados pela consciencialização social e política de intelectuais negros e mestiços e brancos oriundos de camadas sociais médias dos centros urbanos das colônias. Estes 'filhos da terra', quase todos jovens, começavam a produzir obras literárias de reivindicação cultural africana. Ao longo dos anos 50 e 60, e particularmente com o início dos movimentos de libertação, cresciam cada vez mais o protesto social e, eventualmente, a combatividade (Hamilton, 2000, p.187)

Portanto, é evidente que a literatura não apenas refletia essa busca por identidade e resistência, mas também atuava como um catalisador para um movimento mais amplo em direção à emancipação e ao reconhecimento cultural. Ademais, ela se tornava uma ferramenta essencial para a expressão das vozes marginalizadas e para a construção de uma narrativa coletiva que valorizava as experiências únicas de cada grupo.

Nesse sentido, o ambiente retratado no livro *A Cidade e a Infância* é caracterizado por uma Angola submetida à opressão do colonialismo português. Nesse panorama, a obra se destaca como um símbolo de resistência cultural. Através das memórias da infância, o escritor oferece uma visão do cotidiano angolano, destacando as desigualdades sociais e as tensões raciais que permeavam a sociedade, utilizando suas experiências para criticar a opressão colônia. Como observa Rita Chaves (2005):

Pelas ruas que ele desenha circulam os trabalhadores explorados, sapateiros, alfaiates, quitandeiras, vendedores de loteria, representantes da população pobre da periferia de Luanda (...) os malandros, os desempregados, os pequenos ladrões, pobres diabos que usam o expediente, para escapar à fome de cada dia. A esses vem juntar-se as mulheres e as crianças, personagens atuantes, às vezes decisivos nos enredos com que tematiza a vida dos musseques (Chaves, 2005, p.29).

Luandino utiliza uma linguagem rica e sensorial para retratar a cidade de Luanda, capturando suas ruas vibrantes, os sons característicos e as cores que a cercam. Ao longo da narrativa, ele revela uma cidade formada por casas de pau-a-pique e zinco, onde a “areia vermelha” se torna um símbolo do cotidiano. Esse espaço é habitado pelas brincadeiras das crianças, pelas amizades sinceras, pelos conflitos que surgem nas relações humanas, pelas danças que celebram a vida e, acima de tudo, pelas memórias que moldam a identidade coletiva dos seus habitantes. Entretanto, a obra também revela uma cidade

marcada pelo racismo e pelo preconceito, onde a elite se considera superior aos demais. Nessa realidade, os sonhos e aspirações por uma vida melhor muitas vezes não se concretizam, e a única alternativa para muitos é o trabalho árduo e mal remunerado. Todavia essa descrição não é meramente estética, ela serve para contextualizar as experiências dos personagens em relação ao ambiente opressivo em que vivem. O autor evoca imagens da vida urbana que contrastam com a realidade do colonialismo, criando assim um espaço de reflexão sobre a identidade angolana.

A infância retratada nos contos de *A Cidade e a Infância*, serve como uma metáfora poderosa, simbolizando não apenas a inocência perdida, mas também as esperanças frustradas de uma geração marcada pela opressão colonial. Os personagens infantis vivem um mundo marcado pela exploração e pela desigualdade, refletindo as experiências de muitos angolanos na época. Retratando a infância não só como um período de descoberta e alegria, mas também como um tempo de dor e luta.

Para a professora Tania Macêdo:

Se a cidade de Luanda é o espaço privilegiado trilhado pela maioria dos textos ficcionais angolanos no pré e pós-independência, talvez poucas personagens possam exemplificar as transformações pelas quais passou o país e a literatura de Angola nos últimos cinquenta anos como as infantis, na medida em que as várias denominações que elas recebem são o indício dessas modificações, assim como a sua configuração, que indica novas formas de narrar. (Macêdo, 2007, p.358).

A afirmação de Macêdo destaca a relevância das personagens infantis na literatura angolana, mostrando como suas vivências refletem as transformações sociais e culturais do país. Os jovens protagonistas transitam entre os anseios de liberdade e as duras realidades do colonialismo, criando uma narrativa rica em emoções que revela a dualidade de suas experiências. O leitor é convidado a sentir tanto o peso da perseguição quanto o desejo de mudança, o que torna a obra um testemunho vívido das lutas enfrentadas pelo povo angolano. Na visão de Bezerra (2008):

Em *A cidade e a infância*, a memória é relacionada ao tempo, ou seja, ambos são representantes da natureza social. A partir desse aspecto, notamos a presença de um sujeito histórico, uma vez que a recordação é o resultado de ato coletivo e, por sua vez, está a um contexto de natureza social e a um tempo que engloba uma construção, uma noção

historicamente determinada. A lembrança é a recordação de um tempo revivido. Assim, os vários narradores dos contos são marcados por suas vivências e experiências, além de construírem seus universos a partir das lembranças que o transporta a Angola dos anos de 1950. (Bezerra, 2008, p.3)

A percepção da diversidade dos espaços que compõem Luanda revela um forte desejo de afirmar a identidade luandense por meio das narrativas. Cada canto da cidade não é apenas um cenário, mas um testemunho das lutas e aspirações do povo angolano, convidando os leitores a mergulharem em experiências que refletem a complexidade da vida urbana. Consequentemente, as histórias se tornam uma ponte entre o passado e o presente, permitindo que os leitores sintam a pulsação cultural de Luanda e compreendam como as vivências individuais se entrelaçam na construção de uma identidade coletiva vibrante e complexa. Ainda segundo Bezerra (2008, p.4) "Os contos tratam, em sua maioria, das histórias de memória da vida de vários garotos, mas é a representação de uma construção de identidade marcada pela ruptura entre espaço e tempo, de uma literatura que marcou Angola no período de pré-independência".

Essa construção de identidade, presente nas narrativas, é fundamental para entender como os elementos culturais e sociais se entrelaçam na formação do ser luandense. As experiências dos personagens, frequentemente refletindo uma infância marcada por desafios e esperanças, revelam um profundo anseio por pertencimento e reconhecimento, destacando como as memórias infantis moldam a identidade cultural.

Nessa perspectiva, Luandino Vieira não apenas captura a essência da vida urbana, mas também ilustra a divisão entre os mundos dos brancos e dos negros, onde Luanda é segmentada por uma "fronteira de asfalto". Essa divisão não é apenas geográfica; ela simboliza as barreiras sociais impostas pelo colonialismo, perpetuando a repressão, o medo e a miséria, especialmente nas comunidades mais simples dos musseques. Essa dualidade é central para entender as narrativas, que refletem a luta dos personagens por reconhecimento e dignidade.

Para Felipe Moraes:

“A Cidade e a Infância é, pela época de seu lançamento, muito mais um livro com denúncias de uma apartação social de diferentes espaços que clama por uma descolonização em seus diversos aspectos inseridos em suas estórias.” (Moraes, 2006, p12)

Em consequência disso, pode-se afirmar que *A Cidade e a Infância* não é apenas uma obra literária, mas um grito de denúncia contra a apartação social que permeia diferentes espaços em Angola. A obra clama por uma descolonização que se estende além do aspecto político, abrangendo também dimensões culturais e sociais que influenciam a vida dos angolanos. Após a independência de Angola em 1975, *A Cidade e a Infância* adquiriu novas camadas de significado, sendo lida não apenas como uma crítica ao colonialismo, mas também como uma reflexão sobre os desafios enfrentados na construção de uma nova identidade nacional.

Os temas abordados por Luandino ressoam fortemente nas discussões sobre o que significa ser angolano em um país marcado por guerras civis e divisões internas. Pois embora o país tenha conquistado liberdade política, os fantasmas do passado colonial ainda assombravam suas estruturas sociais. Assim, *A Cidade e a Infância* convida os leitores a refletirem sobre os legados do colonialismo e suas repercussões na vida contemporânea.

Por meio desta obra, o autor não apenas preserva as vozes do passado, mas também inspira futuras gerações a refletirem sobre sua própria história e identidade cultural. O legado literário deixado por José Luandino Vieira, permanece vivo nas páginas de *A Cidade e a Infância*, ecoando as esperanças e desafios do povo angolano até os dias atuais. Ao abordar questões universais como colonialismo, opressão e resistência, o escritor estabelece um diálogo que transcende fronteiras temporais e geográficas, convidando os leitores a ponderar sobre as implicações de sua herança cultural.

### **3. CAMINHOS DE LUTA: A COLONIZAÇÃO AFRICANA E O PÓS-INDEPENDÊNCIA EM ANGOLA.**

No final do século XV, impulsionados pelas grandes navegações, nações europeias como Portugal e Espanha iniciaram uma exploração voraz da costa africana, em busca de rotas comerciais e recursos preciosos, como ouro,

especiarias e escravos, que os colonizadores acreditavam existir em grande quantidade no continente africano. Esse comércio foi disfarçado pelos portugueses como uma “conquista pacífica”, mas na verdade era meticulosamente arquitetado pelos colonizadores, que impuseram suas crenças e costumes europeus sobre os nativos africanos.

Entretanto, eles convenciam os africanos afirmando que estavam contribuindo para o desenvolvimento do continente, no entanto essa alegada "ajuda" teria um custo exorbitante para os cidadãos africanos, resultando em consequências devastadoras para sua sociedade. Como aconteceu mais adiante com a intensificação brutal do comércio transatlântico de escravos entre os séculos XVI e XIX que culminou na deportação forçada de milhões de africanos para trabalhar nas plantações das Américas, desestabilizando comunidades inteiras e provocando uma perda populacional alarmante no continente.

Com o passar dos anos, o colonizado começou a despertar para a verdadeira face do colonialismo, reconhecendo os profundos estragos infligidos à sua nação e à sua cultura. Para Frantz Fanon:

O que o colonizado viu em seu solo era que podiam impunemente prendê-lo, espanca-lo, matá-lo de fome; e nenhum professor da moral, nenhum padre jamais veio apanhar no seu lugar nem dividir com ele o pão. (Fanon, 2002, p.41)

Apesar disso, os colonos não se contentavam em apenas explorar e escravizar o solo africano, desejavam apropriar-se das terras como verdadeiros senhores. Além disso, almejavam estabelecer novos polos comerciais para criar e vender matérias-primas a outros países, sem jamais pagar um centavo aos nativos. Os africanos eram forçados a trabalhar e explorar os recursos de suas próprias terras, recebendo pouquíssimo em troca, enquanto os europeus enriqueciam à custa do sofrimento e da exploração das comunidades africanas.

No entanto, diante da cobiça voraz de diversos países europeus pelas terras africanas, especialmente as mais ricas em matérias-primas e em rotas marítimas, essenciais para a exportação de escravos e produtos produzidos pelos africanos, a Conferência de Berlim foi convocada. Este encontro buscava evitar conflitos e disputas territoriais entre as potências europeias, transformando

a África em um tabuleiro de xadrez onde nações competiam pelo domínio, enquanto o destino dos povos africanos era tragicamente ignorado.

A Conferência de Berlim, realizada entre 1884 e 1885, marcou o início da "Partilha da África", onde potências europeias se reuniram para dividir o continente sem considerar as fronteiras étnicas ou culturais existentes. Isso resultou na colonização formal de quase toda a África por países como Grã-Bretanha, França, Bélgica, Alemanha e Portugal. Durante esse período, os colonizadores impuseram sistemas de governo que frequentemente ignoravam as estruturas sociais locais. A exploração econômica foi exacerbada pela extração de recursos naturais e pela imposição de tributos aos africanos, levando a resistência e o aumento das revoltas contra a dominação colonial.

Essa dinâmica evidenciou que a colonização transcendeu a meras questões territoriais, configurando-se como brutal o ataque à essência e à história dos povos africanos. Através da exploração, da opressão e da escravidão, o colonizador não apenas saqueou suas terras, mas também construiu suas riquezas às custas do sofrimento e da desumanização de um povo. Movido por um egoísmo avassalador, o colono priorizou unicamente o bem-estar de sua própria nação, ignorando as vidas e culturas que destruiu. Para Quijano (2005):

O povo conquistado e dominado foram postos numa situação natural de inferioridade, e conseqüentemente também seus traços fenóticos, bem como suas descobertas mentais e culturais. Desse modo, raça converte-se no primeiro critério fundamental para a distribuição da população mundial (Quijano, 2005, p.108)

Ao focar exclusivamente em sua própria nação e na história de seus países, os colonos remeteram os povos africanos para a linha de frente quando a Segunda Guerra Mundial eclodiu. Esses soldados, muitas vezes os primeiros a serem convocados, tornaram-se também os primeiros a enfrentar a morte nas trincheiras. Lutando ao lado das forças francesas e britânicas, os africanos começaram a perceber que o homem branco colonizador também era vulnerável, poderia sangrar e morrer, igualmente a eles.

O colonizado, portanto descobre que sua vida, sua respiração, as batidas de seu coração são as mesmas que as do colono. Descobre que a pele do colono não vale mais que a pele do nativo. Tal descoberta introduz um abalo essencial no mundo. Dela decorre toda a nova e

revolucionaria segurança do colonizado. Se, com efeito, minha vida tem o mesmo peso que a vida do colono, seu olhar não me fulmina mais, não me imobiliza mais, sua voz não mais me petrifica. (Frantz Fanon, 2002, p.42)

Essa revelação, somada à experiência adquirida durante os conflitos, fortaleceu ainda mais os movimentos anticoloniais que emergiram em várias partes da África. A descolonização ganhou ímpeto na década de 1950, impulsionada por mobilizações populares vibrantes, lideranças carismáticas e uma crescente consciência política. Esses movimentos desafiavam corajosamente o domínio europeu e clamavam pelo direito à autodeterminação, moldando um novo futuro para o continente.

A Segunda Guerra Mundial havia exposto as contradições do colonialismo, mostrando que as potências coloniais, que se apresentavam como defensoras da civilização e da ordem, eram capazes de atrocidades em larga escala. De acordo com Walter Benjamim (1989, p.231), “era a oportunidade revolucionaria de lutar por um passado oprimido.”

Em 1960, o nacionalismo angolano ganhou força, dando origem a diversos movimentos de libertação que lutavam pela independência do país. Esse despertar nacionalista foi impulsionado por um contexto global de descolonização e pela crescente insatisfação com o domínio colonial. Nesse cenário, surgiram importantes organismos internacionais como a Organização das Nações Unidas (ONU) e a Organização da Unidade Africana (OUA), que se tornaram plataformas fundamentais para a promoção do anticolonialismo e para a defesa dos direitos dos povos africanos. Esses organismos não apenas apoiaram os movimentos de libertação, mas também proporcionaram um espaço para que as vozes africanas fossem ouvidas no palco internacional, fortalecendo a luta pela autonomia governamental e pela justiça social em todo o continente.

A medida que a década de 1960 avançava, muitos países africanos conquistaram sua independência, refletindo em um movimento global de descolonização. Nesse período, mais de cinquenta colônias tornaram-se nações independentes. Como diz Pélissier (1986, v. 2, p. 19), era “o resultado de uma longa série de guerras”, Causadas, na maioria das vezes, pela revolta da população.

No entanto, a tirania do regime de Salazar em Portugal impediu que as colônias portuguesas, como Angola, Moçambique e Guiné-Bissau, realizassem suas aspirações de emancipação. Enquanto o continente se libertava do controle colonial, as colônias portuguesas enfrentavam uma repressão intensa, que sufocava qualquer tentativa de luta pela liberdade.

Portanto a luta pela liberdade no continente africano não foi uniforme, cada nação enfrentou suas próprias realidades sociais, políticas e econômicas. Em alguns casos, a transição para a independência foi pacífica, como aconteceu em Senegal, Botswana e Maurício, entretanto em outros resultou em conflitos violentos, como ocorreu no Sudão do Sul, Ruanda e em Angola.

Além das lutas armadas, a descolonização também incluiu formas de resistência cultural e intelectual. Escritores, artistas e intelectuais africanos começaram a desafiar as narrativas coloniais e a reafirmar suas identidades culturais. Movimentos como o Negritude celebraram a herança africana e promoveram um sentimento de orgulho entre os povos do continente, configurando-se como um discurso que representava o homem negro universal, introduzindo na literatura uma consciência racial que ultrapassa as distinções de classes e etnias. Essa perspectiva busca evidenciar a condição do sujeito explorado e excluído ao longo das décadas. De acordo com Laranjeira:

O discurso da Negritude constitui, portanto, a emergência estética da ampla doutrina da africanidade e da ideologia pan-africanista, contributo inestimável para o fazer literário segundo uma concepção autonomista que, embora aceitando naturalmente os contributos culturais variados (políticos, ideológicos, científicos, étnicos, populares, eruditos, etc.), incluindo os europeus, se atém a princípios autonomistas, africanos, anti-colonialistas, recusando a submissão aos padrões impostos pelas potências dominantes. (2001,p.53).

Exaustos da opressão e da tirania do governo português, o único anseio do povo era conquistar a paz e a liberdade para sua nação. Mas para que isso se tornasse viável, era imprescindível que o povo se engajasse na luta. Conforme aponta Fanon, (2002, p. 48) "A imobilidade á qual o colonizado está condenado só poderá ser revertida se ele decidir pôr fim á história da colonização, á história da pilhagem, para fazer existir a história da nação, a história da descolonização." Seguindo essa linha de raciocínio, a Revolução dos

Cravos emergiu-se como um episódio marcante na descolonização das províncias sob domínio português.

A Revolução dos Cravos, ocorrida em Portugal em 25 de abril de 1974, foi um evento histórico que teve um impacto significativo na descolonização da África, especialmente nas colônias portuguesas. A Revolução dos Cravos foi liderada por um grupo de oficiais militares descontentes conhecido como Movimento das Forças Armadas (MFA). Com o apoio popular, conseguiram derrubar o regime sem derramamento de sangue significativo, surgindo assim o nome "Revolução dos Cravos", pois cravos vermelhos foram usados como símbolo da revolta pacífica.

Após a revolução, Portugal passou por uma rápida descolonização. Em poucos anos, as colônias africanas puderam conquistar sua independência. Angola e Moçambique, por exemplo, tornaram-se independentes em 1975. Esse processo foi marcado por uma mistura de celebrações e conflitos internos em Angola, por exemplo, a independência foi seguida por uma guerra civil entre diferentes facções políticas, Ainda segundo Fanon:

A descolonização deixar entrever através dos seus poros, balas de canhão incandescentes e facas cheias de sangue. Pois se os últimos devem ser os primeiros, isso só pode acontecer após um embate decisivo e mortal entre dois protagonistas. Essa vontade firme de levar os últimos para o início da fila, de fazê-los galgar (rápido demais, segundo alguns) os escalões que definem uma sociedade organizada, só poderá triunfar se todos os meios foram colocados na balança, inclusive, é claro a violência. (Fanon ,2002, p. 33)

Segundo Visentini (2012, *apud* Silva,2018) a revolução dos Cravos reconheceu de imediato o direito à independência, convidando os três principais movimentos de libertação angolanos: MPLA, UNITA e FNLA, para formar, juntamente com Alto-Comissário Português, um governo de transição. Conseqüentemente foi assinado o Acordo de Alvor em 15 de janeiro de 1975, entre o Governo português e os três principais movimentos de libertação angolanos. Esse acordo estabeleceu as diretrizes para a partilha do poder na antiga colônia. Uma nova administração foi criada em 1975, formada por um governo provisório de coalizão composto pelos três partidos, que deveria perdurar até a proclamação oficial da independência, prevista para 11 de

novembro de 1975. O governo provisório, que contava com representantes dos três partidos no Conselho Presidencial, assumiu o poder no final de janeiro.

Cascudo (1979) afirma que:

Na manhã do dia 10 de novembro, o Alto-Comissário Leonel Cardoso reuniu a imprensa angolana e os correspondentes estrangeiros em Luanda, para sua derradeira entrevista. Passou o poder aos responsáveis do MPLA. Afirmava, em seu discurso, que "deixava Luanda entregue à vontade do seu povo". Após quatro séculos de domínio sobre Angola, após criar, em África, as bases de uma civilização e de uma cultura ocidentais, após vencer as barreiras do tempo e das distâncias, Portugal deixava a terra que colonizou, pela porta dos fundos, numa pequena lancha, que transportava o Sr. Alto-Comissário para bordo de uma fragata, na baía de Luanda, onde, onde ainda tremulava, palidamente, na popa, a bandeira portuguesa (...) (Cascudo, 1979, p. 130)

Angola, finalmente liberta do jugo colonial português, ergueu-se sob a liderança dos três principais movimentos que batalharam incansavelmente por sua independência. A nação celebrou a grandiosa conquista, um sonho acalentado por séculos de dominação. Contudo, a euforia da liberdade rapidamente se transformou em um pesadelo os mesmos partidos que antes lutavam pelo povo angolano agora se voltaram uns contra os outros na busca insaciável pelo poder. Assim, o país mergulhou em uma guerra civil assustadora, onde a esperança de um futuro promissor foi ofuscada pela brutalidade do conflito interno.

No período de 1975 a 2002 sucedeu-se uma das guerras civis mais devastadoras da história de Angola, que se intensificou logo após a independência do país em 11 de novembro de 1975. A luta pelo poder entre os principais movimentos de libertação, especialmente o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) e a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA), mergulhou o país em um conflito duradouro e brutal.

O MPLA, que assumiu o governo logo após a independência sob a liderança de Agostinho Neto, que buscava estabelecer um regime socialista e contava com o apoio da União Soviética e da ajuda militar de Cuba. Por outro lado, a UNITA, liderada por Jonas Savimbi, era apoiada pelos Estados Unidos e pela África do Sul, que contestava a dominação do MPLA e buscava promover uma alternativa política que defendesse os interesses das populações rurais. Em

contrapartida, O conflito não era apenas uma luta interna, mas também um reflexo das tensões da Guerra Fria, onde as potências globais buscavam expandir suas influências na África.

Durante esse período, Angola passou por várias crises políticas e sociais. A guerra civil causou um enorme número de mortes e deslocamentos forçados, com milhões de angolanos fugindo para outros países ou se deslocando internamente. A economia do país, que já era frágil devido à exploração colonial, foi severamente afetada pelos conflitos internos. Por outro lado a luta não era apenas territorial, mas também envolvia questões ideológicas, étnicas e raciais, refletindo as complexidades da sociedade angolana, Como bem observou Albert Memmi: “o racismo faz parte de todos os colonialismos em todas as latitudes. Não é uma coincidência: o racismo resume e simboliza a relação fundamental que une colonialista e colonizado” (Memmi, 1967, p.68)

Em 1987, a UNITA lançou uma significativa ofensiva militar denominada Operação “Cazombo”, com o objetivo de conquistar a liderança de Luanda, que estava sob o controle do MPLA. Essa operação marcou um período intenso de combates, que se estendeu até 1988. Durante esse tempo, as forças da UNITA tentaram desestabilizar o governo do MPLA e assumir o poder na capital angolana. Consequentemente em 1988, finalmente um acordo de cessar-fogo foi alcançado, marcando um momento crucial para a paz na região. Em dezembro do mesmo ano, foram assinados acordos de paz entre Angola e a África do Sul. Esses acordos não apenas resultaram na retirada das tropas sul-africanas da Namíbia, mas também abriram caminho para novas negociações de paz em Angola.

Com os conflitos entre os dois grupos rivais quase se encerrando em 1991, em um cenário influenciado pelo colapso da União Soviética e a queda do comunismo, o MPLA teria perdido o apoio de seu principal aliado na guerra. A UNITA não se beneficiou dessa mudança, pois com o fim do comunismo, os Estados Unidos perderam o interesse em continuar apoiando a guerra, deixando de prestar assistência à UNITA. (Bauer, Taylor, 2011) Assim, facilitou-se a assinatura do Protocolo de Paz em Bicesse, Portugal, entre o MPLA e a UNITA.

O objetivo desse acordo era estabelecer um cessar-fogo e criar condições para as eleições. Todavia, as eleições gerais realizadas em setembro de 1992 beneficiaram o partido MPLA, resultando na vitória de José Eduardo dos

Santos, então líder do movimento. No entanto, a UNITA não reconheceu a vitória de seu adversário e alegou irregularidades, optando por retomar os combates. (Bauer, Taylor, 2011)

Esse cenário possibilitou uma nova tentativa de estabelecer um cessar-fogo em novembro de 1994, formalizada através do Protocolo de Lusaka, que foi assinado na Zâmbia pelas duas partes envolvidas. O acordo previa a desmobilização das forças da UNITA, sua inclusão no governo e a criação de uma missão de paz da ONU para monitorar o processo. Contudo, essa tentativa também não teve sucesso, apesar da presença de cerca 7.500 soldados da paz e da formação de um governo de unidade e reconciliação em 1997. Nesse ano, veio à tona a informação de que a UNITA não estava realmente se afastando das atividades militares.

Como consequência, o governo conjunto foi suspenso imediatamente, e o MPLA optou por retomar as hostilidades. Em 2001, o grupo começou a adotar táticas entre elas, o deslocando civis do interior do país para campos de refugiados em áreas urbanas, com o objetivo de evitar que fossem recrutados como combatentes pela UNITA. A situação só teve uma virada significativa em fevereiro de 2002, quando Jonas Savimbi então líder do UNITA foi morto em combate pelas forças do MPLA. Essa ocorrência ocasionou no fim do conflito armado, que foi oficialmente encerrado em abril de 2002. (Bauer, Taylor, 2011)

Nos anos subsequentes ao fim da guerra armada em Angola, Fanon (2002, p.88) Destaca que, “durante o período colonial, convidava-se o povo a lutar contra a opressão. Depois da libertação nacional, ele é convidado a lutar contra a miséria, o analfabetismo. O subdesenvolvimento. A luta, como afirmam, continua. O povo percebe que a vida é um combate interminável”.

Todavia, embora a guerra civil tenha cessado, muitos angolanos se viram diante de novas formas de opressão, agora ligadas à pobreza e à desigualdade social. As promessas de desenvolvimento e prosperidade não se concretizaram plenamente, e as disparidades entre as áreas urbanas e rurais se tornaram mais evidentes. O crescimento econômico impulsionado pelo petróleo não foi suficiente para erradicar problemas estruturais que afligiam a sociedade. A falta de acesso à educação de qualidade e serviços básicos continuou a limitar as oportunidades para muitos cidadãos. (Beny, 2007)

No livro *A Geração da Utopia*, o narrador já advertia sobre essa realidade, ressaltando que “os políticos são apenas candidatos a corruptos” (Pepetela, 1992, p.67), próprio escritor, ao falar sobre seu romance "A Geração da Utopia, esclarece que:

Esse romance não é uma resposta a nada. Apenas uma estória sobre uma geração que fez a independência de Angola e não soube fazer mais nada [...] Esta geração realizou parte do seu projeto, a independência. Mas nós lutávamos também pela criação de uma sociedade mais justa e mais livre, por oposição à que conhecíamos sob o colonialismo. Por razões várias (constantes interferências externas, desunião e erros de governação), este objetivo não foi atingido e hoje Angola ainda é um país que procura a paz e está destruído, economicamente desestruturado e com uma população miserável, enquanto meia dúzia de milionários esbanja e esconde fortunas no estrangeiro. (Pepetela *In* Chaves e Macedo, 2009, pp.42-43)

Nos livros de Pepetela, somos imersos em uma teia de complexidades que ilustram a dinâmica entre o MPLA e a sociedade angolana. A partir de seus manuscritos, é possível extrair temas centrais como o papel do Estado, as deliberações da sociedade civil angolana e a corrupção. Esses elementos ganham destaque ao longo de suas obras, revelando como as interações entre o governo e a população moldam a realidade social e política do país. Pepetela utiliza suas histórias não apenas para entreter, mas também para provocar reflexões críticas sobre as estruturas de poder e os desafios enfrentados pela sociedade angolana. (Macedo. *In*: Chaves e Macedo,2009.)

No âmbito do livro *Desejo de Kianda*, a narrativa que menciona "um vento de loucura e morte que varria o território" revelando a grave crise social e econômica que Angola enfrentou após a guerra civil. A destruição provocada pelo conflito não apenas deixou marcas físicas, mas também gerou um clima de desespero e desilusão na população. O aumento da fome, a carência de serviços essenciais como saneamento e o crescimento do número de pessoas em situação de rua evidenciam a desigualdade e a miséria que dominavam o dia a dia dos angolanos. Em contraste, "As pessoas importantes tinham carros de luxo, de vidros fumados, ninguém que lhes via a cara, passavam por nós e talvez nem olhassem para não se incomodarem com o feio espetáculo da miséria" demonstrando como uma elite se desconectava da realidade da maioria, ignorando o sofrimento ao seu redor. Essa dualidade enfatiza as tensões sociais

que marcam o período pós-independência e a luta pela dignidade diante das adversidades. (Pepetela, 2008, p. 98).

Em síntese, a colonização africana deixou cicatrizes profundas que moldaram radicalmente as estruturas sociais, políticas e econômicas da região. A luta incessante por liberdade e identidade, impulsionada por décadas de violência, não apenas define o passado, mas também ressoa nas dinâmicas contemporâneas. Compreender esse contexto histórico é imprescindível para que se reconheçam os desafios atuais e se identifiquem as raízes das desigualdades persistentes na sociedade angolana.

#### **4. ENTRE FRONTEIRAS E HISTÓRIAS: ANÁLISE DOS CONTOS A *FRONTEIRA DE ASFALTO, BEBIANA, FAUSTINO E QUIZINHO*.**

A obra *A Cidade e a Infância*, do renomado autor José Luandino Vieira, é uma coletânea de dez contos que mergulha nas complexidades da vida durante o período colonial em Angola. As narrativas, ricas em detalhes e emoções, retratam a história do país através das experiências vividas por seus personagens, que se tornam porta-vozes das lutas e esperanças do povo angolano.

Nove dos contos têm como cenário a vibrante capital Luanda, onde as paisagens urbanas e as interações sociais refletem as tensões e transformações de uma sociedade na condição colonial. O último conto, intitulado *Os Companheiros*, transporta o leitor para a cidade de Nova Lisboa, proporcionando uma perspectiva diversificada sobre a realidade angolana.

Os contos que serão analisados a seguir são *A Fronteira de Asfalto*, *Bebiana*, *Faustino* e *Quinzinho*, que relatam personagens que enfrentam as adversidades impostas pelo sistema colonial. A escolha dessas narrativas não foi meramente aleatória, elas se destacam pelo profundo impacto emocional que provocam no leitor. Embora os temas abordados nos demais contos da obra como um todo sejam excelentes, esses contos, em particular, chamaram a atenção por sua capacidade de representar intensamente as experiências vividas por seus personagens. Essas narrativas tornam-se essenciais para entendermos como a literatura pode servir como um espelho da sociedade e da

história, oferecendo uma visão crítica sobre as injustiças e desigualdades do período colonial. Nessa perspectiva, Barros (2010) afirma que:

O mundo precisa de narrativas [...] sejam estas as narrativas históricas, baseadas ou inspiradas em um vivido que deixou suas marcas através das fontes históricas, sejam as narrativas literárias, a princípio geradas pela criatividade livre de um autor, mas na verdade oriundas de relações que se dão na própria vida e através das próprias estruturas básicas do viver, portanto através da própria história (Barros, 2010, p.09, apud Oliveira, Bersani, Almeida,2019).

O livro é fundamentado em histórias reais e ficcionais, tendo como tema central a cidade de Luanda e a sociedade angolana. Segundo Borges (2010), mesmo as obras de ficção se baseiam, de alguma forma, em uma realidade concreta, pois “não se faz literatura sem contato com a sociedade, a cultura e a história”. Isso se deve ao fato de que os elementos da escrita ficcional são fenômenos sociais e históricos. Por essa razão, “a literatura se apropria não só do passado, mas também de documentos e das técnicas da disciplina histórica” (Borges, 2010, p. 06).

Podemos perceber que cada personagem do livro é cuidadosamente pensado por Vieira, revelando suas vivências, anseios e desafios diante da opressão colonial. Através de diálogos envolventes e descrições poéticas, o autor nos convida a refletir sobre as cicatrizes deixadas pelo colonialismo e a resiliência que emerge nesse contexto. Além disso, *A Cidade e a Infância* não apenas narra histórias individuais, mas também tece um panorama coletivo da luta pela liberdade e pela dignidade, assim como suas consequências. Entre essas consequências, destacam-se o racismo, a desigualdade social, o papel da mulher durante a colonização, a mestiçagem, o preconceito racial, os trabalhos exaustivos e, por fim, os muitos sonhos que foram ansiosamente desejados, mas que não puderam ser alcançados devido à colonização.

Em síntese, a obra é um testemunho poderoso da capacidade humana de sonhar e resistir, mesmo nas circunstâncias mais adversas. Por meio de suas narrativas, Luandino não apenas denuncia as injustiças e desigualdades que permeiam a vida dos angolanos sob o colonialismo, mas também celebra a força e a determinação de um povo que luta por sua identidade e dignidade. Cada história é uma janela para as realidades enfrentadas por esses indivíduos,

permitindo que o leitor compreenda a profundidade das lutas e das esperanças que configuram a experiência angolana.

#### 4.1 *A Fronteira de Asfalto*: Dois Mundos, Uma Amizade

O conto *A Fronteira de Asfalto*, relata a história de Marina e Ricardo, amigos de infância cuja amizade é desaprovada pela mãe de Marina devido à diferença de classe social e à cor da pele de Ricardo. Além do conflito na amizade, a narrativa explora a realidade além da fronteira entre os bairros mais favorecidos e os musseques, expondo as discriminações presentes na sociedade em relação aos vínculos entre pessoas de diferentes classes sociais e cores de pele. O conto denuncia a realidade preconceituosa, hostil e elitista dos bairros mais ricos da cidade, em contraste com a dura e sofrida realidade dos bairros mais pobres. Aborda como, na sociedade, o status social é frequentemente mais significativo e valorizado do que as relações genuínas e verdadeiras entre os indivíduos.

- Marina, já não és nenhuma criança para que não compreendas que a tua amizade por esse... teu amigo Ricardo não pode continuar. Isso é muito bonito em criança. Duas crianças. Mas agora...um preto é um preto...as minhas amigas todas falam da minha negligência na tua educação. Que te deixei ...bem sabes que não é por mim! (Vieira, 2007, p.42)

O diálogo simbólico entre Marina e sua mãe ilustra um profundo conflito em relação à amizade de Marina com Ricardo, que é desvalorizada em função da cor da pele dele. A frase “um preto é um preto” não apenas questiona a legitimidade dessa amizade, mas também revela um pensamento racista e discriminatório enraizado na perspectiva da mãe. Essa declaração evidencia como o preconceito racial pode afetar negativamente as relações interpessoais, criando barreiras entre indivíduos que, de outra forma, poderiam compartilhar laços afetivos significativos.

De acordo com Lemos (2021), o preconceito racial é uma forma de discriminação que se baseia na cor da pele, etnia, cultura ou origem racial de um indivíduo. Essa forma de discriminação se manifesta em julgamentos estereotipados, que frequentemente desconsideram a individualidade e a

complexidade dos relacionamentos humanos. No contexto do conto, a mãe de Marina exemplifica essa atitude ao reduzir Ricardo a um estereótipo racial, ignorando sua humanidade e o valor de sua amizade com Marina.

Sobretudo, é notável que, ao sugerir a falta de "negligência na educação" de Marina e a preocupação com a opinião das amigas, evidenciam-se as pressões sociais e as expectativas impostas pela comunidade em relação ao comportamento e às relações pessoais. Isso ressalta como normas sociais injustas e preconceituosas podem moldar e influenciar o comportamento das pessoas, mesmo quando se trata de conexões afetivas autênticas, como no caso de Marina e Ricardo. Assim, a conversação entre mãe e filha revela a complexidade das relações humanas diante de um contexto social marcado pelo preconceito.

Virou os olhos para o seu mundo. Do outro lado da rua asfaltada não havia passeio. Nem árvores de flores violeta. A terra era vermelha. Piteiras. Casas de pau-a-pique à sombra de mulembas. As ruas de areia eram sinuosas. Uma tênue nuvem de poeira que o vento levantava cobria tudo. A casa dele ficava no fundo. Via-se do sítio donde estava. Amarela. Duas portas, três janelas. Um cercado de aduelas e arcos de barril. (Vieira, 2007, p. 40)

A realidade da desigualdade social se manifesta através de imagens vívidas que contrastam o ambiente da classe média alta com o dos mais carentes, revelando as disparidades que permeiam a vida urbana. A rua asfaltada que o protagonista observa não é apenas um limite físico, mas uma barreira social que simboliza a divisão entre as classes. Essa separação não se restringe ao espaço, mas se estende a oportunidades, acesso a serviços e qualidade de vida, reforçando a ideia de que a infraestrutura urbana é um reflexo das desigualdades sociais. Como aponta Mudimbe (2013, p. 19), "Entre os dois extremos existe um intermediário, um espaço difuso, em que acontecimentos sociais e econômicos definem o grau de marginalidade". Essa observação ressalta a existência de uma zona de marginalidade que, muitas vezes, é invisibilizada nas narrativas sobre a desigualdade, mas que é crucial para entender as dinâmicas sociais em jogo. A ausência de passeios e das árvores de flores violetas nos espaços habitados pelos menos favorecidos não apenas sugere uma falta de infraestrutura e cuidado, mas também simboliza a negligência social que perpetua a marginalização. Em contraste, a terra

vermelha e as casas de pau-a-pique evocam a precariedade e a simplicidade da vida cotidiana, refletindo as condições inumanas que muitos enfrentam diariamente.

A descrição da casa de Ricardo, com suas características simples — amarela, duas portas e três janelas, contrasta fortemente com os lares mais espaçosos dos bairros abastados. Essa simplicidade não apenas reflete a condição material de Ricardo, mas também as limitações que ele enfrenta em sua vida cotidiana. A diferença nas habitações exhibe um abismo social, onde a qualidade de vida é drasticamente afetada pelas circunstâncias econômicas. Como enfatiza Severo (2017):

O próprio título do conto nos remete à separação. Enquanto o português colonizador estava situado no bairro branco, que ficava no asfalto, tinha jardins belos, um muro pequeno (assim a casa da personagem Marina), os negros estavam situados nos musseques (bairros populares do subúrbio): a casa de Ricardo era da cor amarela, tinha duas portas, três janelas, também tinha um cercado. Ficava perto da sombra das mulembas (árvores de copas volumosas). Essas casas eram construídas por pedaço de ripas. Tudo isso como símbolo de divisão étnico-social. (Severo, 2017, p. 21)

Diante dessa realidade opressora, a contestação da mãe de Marina e a pressão que ela exerce sobre a filha, juntamente com a percepção de Ricardo sobre o afastamento entre eles ao longo dos anos, culminam em uma discussão intensa. Sentindo-se culpado pelo que aconteceu, Ricardo decide procurar Marina em sua casa. Ao tentar se reconectar, ele sobe na janela dela para conversar, mas sua tentativa de reconciliação é abruptamente interrompida por um policial.

Ricardo sentiu medo. O medo do negro pela polícia. Dum salto atingiu o quintal. As folhas Secas cederam e ele escorregou. Toni ladrou.  
- Alto ai seu negro. Pára. Pára negro! (Vieira, 2007, p. 43)

O medo de Ricardo em relação à polícia manifesta as profundas tensões raciais e sociais que têm suas raízes fixadas na colonização africana. Durante esse período, muitos africanos foram despojados de seus direitos e tratados como inferiores, com a polícia sendo um instrumento de controle e repressão. Esse medo não é apenas pessoal, mas uma herança coletiva que representa as experiências de gerações que viveram sob opressão. No livro *Pele negra*,

*Mascaras brancas*, Fanon (2024, p. 74), observa que “muitas vezes, a atitude do negro diante do branco, ou diante de um semelhante, reproduz quase integralmente uma constelação delirante que beira o domínio patológico”. Essa afirmação ilustra como o medo e a opressão moldam a percepção que os indivíduos têm não apenas de si mesmos, mas também dos outros. O estado de vigilância e a desconfiança que Ricardo sente em relação à polícia refletem essa constelação de emoções e experiências, onde a subjugação histórica cria um ciclo de medo que afeta as interações sociais e a autoimagem da população negra. Sua tentativa de escapar para o quintal ecoa a luta por liberdade em um sistema que perpetua racismo e injustiça contra pessoas negras.

Lamentavelmente, o conto que retrata a forte amizade e companheirismo entre os dois jovens não se finaliza de forma bonita. Pelo contrário, expõe uma angústia sobre o regime colonial que priorizava o status social, associando a cor da pele branca à riqueza e a conexões boas e plausíveis. Além disso, a obra ressalta a profunda desigualdade na sociedade e o racismo estrutural que não apenas fragmenta amizades e laços amorosos, mas também confina uma cidade inteira atrás de uma impenetrável fronteira de asfalto.

#### 4.2 Conto *Bebiana*: Don’Ana e os Desafios da Mulher Colonizada

No início do conto de *Bebiana*, Don’Ana, mãe de Bebiana, menciona a história de Joãozinho, um jovem que partiu para Lisboa em busca de conhecimento e nunca mais voltou. Através dessa narrativa, é possível enxergar a triste realidade da colonização africana e suas profundas consequências. A história de Joãozinho, que se dedicava a escrever sobre a vida dos negros e que era tido como uma esperança para os musseques (bairros periféricos em Angola), demonstrando o caminho difícil enfrentado por tantos africanos subjugados pelo domínio colonial.

Don’Ana conta e conta como só ela sabe contar. Simples e verdadeira. Poética. Ela é que me contou aquela história do Joãozinho, filho da sua afilhada que foi em Lisboa estudar e nunca mais voltou, ninguém sabe mesmo dele. Joãozinho escrevia muitas coisas sobre a vida dos negros. Era a esperança dos musseques. Mas até hoje não voltou. (Vieira, 2007, p.62)

A ida do rapaz a Lisboa para estudar simboliza a busca de muitos africanos que, assim como Joãozinho, almejavam por oportunidades educacionais e profissionais melhores fora de seus países natais, algo bastante pertinente durante o processo colonial. No entanto, o fato dele não retornar e desaparecer levanta algumas questões sobre os impactos desumanos da colonização, refletindo as adversidades e perigos enfrentados por aqueles que se opunham ao controle colonial e tentavam preservar sua identidade e cultura. Seu desaparecimento representa a ausência de muitas vozes importantes que foram silenciadas na luta pela liberdade e dignidade dos africanos durante esse período caótico da história.

No conto, Don'Ana é apresentada como uma senhora que apreciava organizar festas em sua casa e tinha grande paixão por contar histórias, tanto as do povo em geral quanto as relacionadas à sua cidade natal. No entanto, Don'Ana nunca quis compartilhar sua própria história de vida, pois a considerava triste e desconfortável. Após muita insistência de um jovem, ela finalmente decide revelar uma história impactante que expõe a dinâmica de poder, exploração e relações inter-raciais vivenciadas por ela durante o período colonial Angolano.

Fui sua lavadeira, cozinheira e depois deitava-me com ele. Naquele tempo as mulheres brancas não vinham em Angola era mesmo terra dos condenados como ele, febres, mosquitos. Vinham só os brancos ganhar dinheiro e iam gastar no puto, daí vivi com ele. Me ensinou muitas coisas. Não vendia mais cajus e mangas e o dia era só lavar, cozinhar e coser. Ele pôs um filho em minha barriga. Bebianana. Chorou muito e ficou bêbado quando ela nasceu. Chorou e falou muito de mulatos disse que o homem branco não presta, só faz mulatos e depois quando vai no puto deixa só a negra com os filhos, como quando vai no capim fazer as coisas e nem tapa, como faz os gatos. (Vieira, 2007, p.64)

Ao analisarmos a relação entre a mulher negra e o homem branco colonizador descrita no trecho, é possível identificar diversos aspectos que refletem a realidade desse contexto histórico. O papel da mulher negra era frequentemente relegado a funções subalternas, como lavadeira, cozinheira e amante do homem branco colonizador. Essas funções não apenas evidenciam a exploração do trabalho, mas também a objetificação do corpo feminino, onde as mulheres eram vistas como mão de obra barata, disponíveis para atender às

necessidades dos colonizadores, sem qualquer consideração por sua dignidade ou direitos. Essa realidade é corroborada por Bomfim e Brito (2012), que enfatizam que as mulheres eram “criadas e educadas para o casamento, para a vida doméstica, procriação, dedicação aos filhos e obediência ao marido”. Essa educação restritiva limitava suas oportunidades e perpetuava o ciclo de subserviência. Além do mais, “nas classes pobres, contribuía para o sustento da família trabalhando como costureira, lavadeira, doméstica”. Essa exploração não se limitava apenas ao trabalho, mas se estendia à vida pessoal das mulheres, que eram frequentemente levadas a se envolver em relações sexuais com seus colonizadores, resultando na marginalização de suas identidades, isto é, “As mulheres tinha [sic] deveres, mas não possuía direitos” Consideradas incapazes, até mesmo o acesso à cultura lhes era negado, perpetuando uma estrutura social que as mantinha em uma posição de subalternidade e vulnerabilidade. (Bomfim e Brito, 2012, p.19)

Nessa situação, A segregação racial e a imposição de uma hierarquia social evidenciavam a exclusão das mulheres brancas de ambientes como Angola, considerada uma “terra dos condenados”. Essa exclusão reforçava estereótipos discriminatórios, onde as mulheres brancas eram vistas como frágeis e incapazes de lidar com o ambiente hostil, perpetuando a ideia de que apenas os homens brancos eram adequados para a colonização. Além disso, Saffioti (1979, p.177-8) aponta que “as mulheres brancas submetiam-se sem contestação ao poder do patriarca”, refletindo a falta de autonomia e a imaturidade que lhes eram atribuídas. Ao contrair matrimônio, “passavam do domínio paterno para o domínio do marido, raramente saindo à rua sem a companhia de um homem”, o que evidencia a estrutura patriarcal que permeava a sociedade.

As tensões raciais na sociedade colonial eram evidentes, especialmente na omissão dos homens brancos em relação aos filhos mestiços, o que revela as consequências da mestiçagem na estrutura colonial. A discriminação e o estigma associados aos mestiços refletiam as normas raciais impostas pela sociedade colonial, que não apenas marginalizavam e excluía esses indivíduos, mas também perpetuavam uma hierarquia racial que favorecia os brancos. Essa marginalização resultava em uma luta constante por aceitação e reconhecimento, o que se tornava um desafio significativo para os mestiços, que

muitas vezes eram vistos como uma “ameaça” à pureza racial. Nesse contexto, Don'Ana expressa seu desejo de que suas filhas se casem com brancos:

Eu quero que elas casem antes de eu morrer também. Com brancos. Elas têm educação, são bonitas. Precisam adiantar a vida[...] Um branco ganha mais que um mulato ou negro. Os filhos dele já são cabritos. Cabrito é mesmo um branco. (Vieira, 2007, p.64)

Esta tentativa de promover o embranquecimento da raça visa garantir que seus descendentes não enfrentem as mesmas dificuldades e sofrimentos que eles vivenciam. Como observa Fanon (2024, p. 62), “branquear a raça salva a raça, mas não no sentido que pode supor: não para preservar a originalidade do pedaço de mundo cujo seio elas cresceram, e sim para garantir a sua brancura.” A perspectiva revela a internalização das hierarquias raciais, onde a brancura é associada a status, segurança e oportunidades.

A busca por aceitação social torna-se ainda mais clara na reflexão de Don'Ana, que expressa seu desejo de que suas filhas unam suas vidas a homens brancos. Nesse contexto ela menciona:

Os nossos filhos, mesmo com sangue negro, já seriam mais aceitos, já não haveria a lembrança da Don'Ana, velha quitandeira que se deu a um branco, que me contava histórias. E se houvesse, seria um episódio romântico na família. Uma avó, uma bisavó negra, quitandeira. (Vieira, 2007, p. 65)

Esse trecho ilustra como a mestiçagem e a relação com a brancura podem transformar a percepção social, permitindo que os descendentes sejam vistos sob uma luz mais favorável, enquanto a história de suas origens é romantizada e descontextualizada.

No entanto essa dinâmica de aceitação está intrinsecamente ligada às hierarquias raciais que permeiam a sociedade, onde a brancura é associada a status e valor humano. Frantz Fanon, em seu livro *Os Condenados da Terra*, destaca que a raça funciona como um mecanismo de distinção entre aqueles que têm o reconhecimento de sua humanidade como atributo exclusivo (os brancos) e aqueles que são considerados como "espécies não humanas". Fanon (2022, p. 13) afirma que "entre dois mundos não há conciliação possível, a causa é consequência: a pessoa é rica porque é branca, é branca porque é rica." Essa

afirmação reforça a ideia de que a aceitação social dos mestiços, como sugerido por Don'Ana, não é apenas uma questão de relações pessoais, mas está profundamente enraizada em estruturas sociais que perpetuam a desigualdade e a exclusão.

Portanto, essa análise não apenas revela as complexidades da identidade racial na sociedade colonial, mas também instiga uma reflexão profunda sobre as consequências dessas dinâmicas nas realidades da época. A luta das mulheres por igualdade e reconhecimento, em termos de gênero e raça, era crucial enquanto as sociedades se opunham às estruturas opressivas que dominavam. As relações desiguais, opressivas e violentas que caracterizaram a era da colonização africana expõem de maneira contundente a injustiça e o abuso nas interações entre colonizadores e colonizados, estabelecendo um alicerce poderoso para uma análise crítica das desigualdades que atormentavam as mulheres e os mestiços naquele contexto.

#### 4.3 Conto *Faustino*: O Preço do Conhecimento em um Mundo de Desigualdade

O conto de *Faustino* narra a história de um homem negro que tinha paixão pelos estudos, porém sua realidade não permitia que ele se dedicasse exclusivamente aos estudos. Assim, Faustino trabalhava como porteiro em um condomínio de luxo, onde não apenas desempenhava suas funções como porteiro, mas também realizava outras tarefas, como cuidar dos filhos das patroas brancas e regava as flores do prédio, conforme exigido pelo padrão. No entanto, mesmo sendo diligente em suas responsabilidades, ele sofria constantemente com as humilhações tanto por parte do patrão quanto das moradoras do edifício.

Então hoje não regas as avencas e a relva? As flores estão todas murchas. Caramba! P'ra que é que te dão duzentos angolares por mês? Já não tens idade para estudar. Estudar não é para ti. Trabalha, trabalha. Tens de lavar as escadas... (Vieira, 2007, p.81)

No trecho da fala preconceituosa do padrão de Faustino, podemos observar claramente a dinâmica de poder, exploração e desvalorização das pessoas africanas durante o período da colonização. Através da cobrança

implacável de trabalho, que desconsidera não apenas as necessidades básicas, mas também a dignidade dos trabalhadores africanos, evidencia-se a exploração brutal do labor africano. Essa abordagem desumanizadora reflete a visão colonialista que tratava os africanos como meros recursos a serem utilizados para o lucro dos colonizadores. Como afirma Karl Polanyi (2012, p. 44), o colonialismo “implica uma mudança na motivação da ação por parte dos membros da sociedade: a motivação do lucro passa a substituir a motivação da subsistência”. Essa mudança de motivação é fundamental para entender como os colonizadores justificavam e perpetuavam a exploração das populações africanas.

Além disso, a imposição de tarefas humilhantes, como lavar escadas, associada à desencorajadora negação do estudo e desenvolvimento pessoal, reflete a intenção dos colonizadores de manter os africanos em posições inferiores aos mesmos, impedindo sua ascensão social e educacional. Em síntese, o trecho demonstra as relações injustas, opressivas e exploratórias que marcaram a colonização africana, ressaltando a falta de reconhecimento do valor humano dos colonizados e o abuso de poder perpetrados pelos colonizadores.

Que chatice! Já te disse mais de uma vez que o teu trabalho não é estragar as flores. Estás aqui para as regares e não para lhe tocares. As flores são para as senhoras do prédio. Qualquer dia vais para a rua. Pretos há muitos para este emprego. Ora esta, a mexer nas flores! Isso não é para tuas mãos. (Vieira, 2007, P. 82)

Ademais a citação apresentada confirma, uma realidade histórica marcada pela discriminação racial e pela exploração de poder nas relações coloniais. Ela ilustra a forma como as pessoas negras eram tratadas de maneira desrespeitosa e desvalorizadas, sendo relegadas a cumprir diversas funções, no ambiente de trabalho e ainda assim serem sujeitas a humilhações e ameaças de demissão sem justificativa válida, simplesmente baseada na cor da sua pele.

Conforme argumenta Souza (1983, p.19 *apud* Ribeiro, 2019, p. 11), “A sociedade escravista, ao transformar o africano, definiu o negro como raça, demarcou o seu lugar, a maneira de tratar e ser tratado, os padrões de interação com o branco e instituiu o paralelismo entre cor negra e posição social inferior”. Enfatizando como as estruturas sociais da época não apenas definiram a

posição dos negros na hierarquia social, mas também institucionalizaram a discriminação racial como um aspecto fundamental das interações sociais

Consequentemente a frase que menciona a disponibilidade de "pretos" para o emprego, demonstra a visão desumanizadora que permeava o pensamento da época, tratando as pessoas como meros objetos substituíveis. Essas atitudes discriminatórias e opressoras revelam as estruturas de poder e desigualdade presentes na sociedade colonial, onde a hierarquia era rigidamente estabelecida com base na cor da pele, mantendo dessa forma a iniquidade racial e as violências sistemáticas contra as populações colonizadas. Souza, (1983, p. 16) ressalta que "violência racista pode submeter o sujeito negro a uma situação cuja desumanidade nos desarma e deixa perplexos"

É intrigante observar o contraste presente no conto de Luandino em relação ao posicionamento das diferentes classes sociais. As crianças brancas que residem no edifício onde Faustino trabalhava adotam uma postura diametralmente oposta à do empregado no que diz respeito à educação, E ficava triste quando via a senhora do terceiro gritar para a filha, a menina sardenta dos seios púberes: "Belita, vem estudar! Não quero, mãe! "(Vieira,2007, p.80) Enquanto isso, o anseio mais profundo de Faustino era ter a oportunidade de se dedicar aos estudos. Observamos, em um momento posterior, que nem a professora, que deveria fornecer o auxílio essencial para que Faustino continuasse seus estudos, consegue se desvincular das imposições que a restringem.

Três andares de escadas esfregadas com piaçaba! Eué, não ia ter tempo hoje de estudar Geometria. A sô pessora ia ralhar outra vez. Ele bem dizia que às vezes não tinha tempo. Mas a senhora tirava os óculos e respondia irritada:

- Quem não tem tempo, não estuda! (Vieira, 2007, p. 81)

O argumento apresentado não apenas desconsidera a carga de trabalho que Faustino deve suportar, mas também perpetua a ideia de que a responsabilidade pelo fracasso educacional recai unicamente sobre o indivíduo, deslegitimando as barreiras sociais e econômicas que limitam o acesso ao conhecimento. A insistência da professora em falar que o tempo é uma questão de escolha ignora as realidades de exploração e subserviência que definem a vida de Faustino, ressaltando a desconexão entre as expectativas da classe

dominante e as dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores. Como bem destaca Moraes (2006, p. 35), “Faustino é uma estória de protesto que evoca momentos de inferioridade, marcando o espaço de Luanda pela constante diferença”. Essa disparidade se torna clara quando se percebe que, embora Faustino pagasse pela educação como os demais alunos do colégio, ele não compartilhava das mesmas condições; “mas nenhum ia de farda de caqui e de quedes como ele. Nem eram empregados do elevador” (Viera, 2007, p. 81)

O conto, ainda traz a seguinte comparação entre o tratamento dado ao cão de luxo da senhora do terceiro andar e a condição de Faustino, concluindo que o personagem principal era apenas, um porteiro negro, que ao menos poderia ter o valor do cachorro Bóbi, destacando assim a disparidade de status e a valorização entre um animal e um ser humano.

Bóbi era o cão de luxo da senhora do terceiro andar. E Faustino nem era ao menos um cão de luxo. Era um negro porteiro que tinha a mania de estudar.” (Vieira, 2007, p.83)

Essa contraposição reflete a mentalidade colonial que desumanizava e menosprezava as pessoas negras constantemente, limitando suas oportunidades de desenvolvimento pessoal e social. Enquanto Bóbi era considerado um "cão de luxo", recebendo atenção e cuidados especiais, Faustino, por sua vez, era reduzido à condição de um simples porteiro, cujo desejo de estudar era visto como algo fora do comum para sua realidade de vida. De modo geral a citação também realça o conflito constante que as pessoas negras sofriam sob o regime colonial, onde até mesmo um cachorro poderia ser mais bem tratado do que um ser humano com aspirações educacionais.

No entanto, o conto vai além da simples narrativa de um porteiro que, com um sorriso, aceitava em silêncio todas as humilhações. Em Faustino, podemos vislumbrar uma resistência pulsante que habita seu coração. Existe uma voz interior que o instiga a perceber que aquelas situações degradantes, presentes em seu cotidiano, não devem perdurar. É talvez um desejo ardente e um anseio profundo por transformação, a consciência de que ele, como homem negro, não merece sofrer em silêncio diante das acusações e reclamações que escuta dos brancos. Há uma renúncia a essa passividade; é uma rebelião sutil, mas

poderosa, na busca pela justiça e igualdade, assim como podemos ver na seguinte passagem:

Faustino não sorriu. Não gostava que o encarregado dissesse aquilo. Flores são flores, não são de um nem de outros. São de todos. Nascem da terra se os brancos plantam ou se os pretos plantam. E não nascem mais bonitas por serem plantadas por brancos. (Vieira, 2007.82)

Essa declaração não apenas revela a revolta de Faustino, mas também sua profunda percepção de que a dignidade e o valor das flores, assim como o valor humano, não estão atrelados à cor da pele de quem as cultiva.

Cortou mais uma flor. Despiu a farda e pegou nos seus livros. O encarregado correu atrás dele (...) Pelo caminho abriu as Ciências, pensou em Maria, os dois sem emprego, e foi desfolhando a última flor colhida: \_Cálice, corola, androceu... (Vieira, 2007, p. 83)

Embora soubesse que o caminho à frente seria repleto de desafios, Faustino encontrou a coragem para se libertar de sua situação sufocante. Inspirado pelas palavras de Paulo Freire (2005), que defendem a educação como um ato de conscientização e libertação, fica claro que a magnitude dessa transformação é refletida na obra de Luandino. Com um acesso limitado ao conhecimento, Faustino já começa a se transformar seu futuro permanece um mistério, mas é inegável que a mudança já se iniciou. Ele não é mais um mero espectador de sua vida, mas um protagonista em busca de sua emancipação. Essa jornada de autodescoberta e resistência é emblemática de uma luta maior por justiça e igualdade, ecoando as vozes de muitos que, como Faustino, se recusam a aceitar a opressão como destino. A trajetória de Faustino, portanto, é uma afirmação de que, mesmo nas circunstâncias mais adversas, a educação e a consciência crítica podem servir como poderosas ferramentas de transformação pessoal e social.

#### 4.4 Conto *Quinzinho*: Poesia e Memória em Tempos de Colonização

O conto *Quinzinho* é uma homenagem sincera de José Luandino Vieira ao seu amigo, o poeta Quinzinho. Ao longo da narrativa, percebemos a proximidade entre o autor e o personagem, que se reflete nas vivências e sentimentos expressos ao descrever as memórias construídas e compartilhadas

com o amigo. Essa conexão é exemplificada no trecho: “[..] Amizade que eu sentia quanto tu e eu nos encontramos, à beira-mar, ou quando, naquelas noites, atravessávamos os dois a baía das águas sem fim. A nossa baía de Luanda’ (Vieira, 2007, p. 88). Além disso, o conto é narrado em primeira pessoa, o que intensifica a intimidade entre o narrador e o leitor. Essa escolha narrativa permite uma experiência mais profunda das emoções e lembranças que permeiam a relação, fazendo com que o leitor se sinta parte da história e das vivências compartilhadas.

Neste conto, Vieira retrata a história de vida de Quinzinho, uma figura emblemática que representa a luta e a resistência de um povo marcado pela colonização desde a infância. Por exemplo, ao relatar que o menino branco da escola podia brincar com o carrinho de corda, enquanto Quinzinho não tinha essa liberdade, pois, se pegasse o brinquedo, seria considerado um ladrão pela professora (Vieira, 2007). Esse episódio revela as injustiças e desigualdades que influenciavam a sociedade Luandense, enfatizando como as crianças negras eram afetadas por um sistema que perpetuava a exclusão e a discriminação racial.

O Quinzinho da infância amadureceu. Enquanto criança, sonhava em criar máquinas, interagir com elas e observar suas imperfeições. Na fase adulta, sua mais profunda aspiração foi ser poeta. Ele desejou escrever seu “poema negro sobre papel branco” (Vieira, 2007, p. 87), mas, infelizmente, não conseguiu concretizar esse sonho. Portanto em homenagem a ele, seu amigo José Luandino se dedicou a tornar sua história conhecida por meio da literatura, utilizando palavras que, embora belas e repletas das inúmeras memórias que compartilhou com o amigo, também estavam carregadas de dor. Essas palavras retrataram não apenas a tragédia da morte do personagem, mas a de muitos outros trabalhadores que enfrentaram destinos semelhantes. Em suas últimas palavras na narrativa, o autor presenteou o amigo com deslumbrantes rosas vermelhas, simbolizando a trajetória e o legado do grandioso Quinzinho.

Operário não pode sonhar, Quinzinho, não pode. A vida não é para sonhos. Tudo realidades vivas, cruéis. A luta com a vida. [...] mas tu não eras operário, Quinzinho, tu eras poeta. E os poetas não devem ser amarrados a máquinas. (Vieira, 2007, p.87)

Na declaração do amigo ao dizer que "tu não eras operário, Quinzinho, tu eras poeta", destaca-se a diferenciação entre os sonhos individuais e as condições impostas pelo contexto histórico de dominação colonial, onde as expressões artísticas e os anseios por crescimento eram frequentemente reprimidos ou menosprezados. Essa frase encapsula a luta interna do personagem Quinzinho, que se vê preso entre a necessidade de sobreviver em um regime autoritário e o desejo de se expressar artisticamente, refletindo uma realidade que ultrapassa a mera condição de trabalho.

Como afirma Laranjeira (1975, p.178, *Apud* Campos, 2008, p.04), "a poesia convinha mais à expressão de revolta e à denúncia direta, pontual e emocional de quadros históricos, sociais e políticos", reforçando essa ideia ao sugerir que a arte, e especialmente a poesia, serve como um veículo poderoso para a resistência e a crítica social. Nesse sentido, a poesia não é apenas uma forma de expressão estética, mas uma ferramenta de luta e de conscientização. Através da poesia, Quinzinho e outros personagens têm a oportunidade de dar voz às suas frustrações e anseios, confrontando as injustiças que enfrentam diariamente.

Ao mencionar a dualidade entre ser operário e poeta, o autor destaca a luta entre a realidade imposta e a busca por uma expressão mais autêntica e significativa. Essa duplicidade representa a tensão entre a vida cotidiana marcada pela opressão e a aspiração a algo maior, que transcende as limitações impostas pelo colonialismo. Quinzinho, como poeta, é um símbolo dessa resistência, buscando não apenas a sua própria libertação, mas também a de seu povo, através das palavras.

Por outro lado, o conto impõe uma realidade cruel e opressiva sobre os trabalhadores explorados. Ao afirmar que "operário não pode sonhar", somos levados a refletir sobre a vida das pessoas colonizadas, marcada exclusivamente por experiências duras e degradantes, onde os operários eram privados de sonhos ou desejos de crescimento pessoal. Essa passagem também ressalta a perspectiva utilitarista e desumanizadora que permeava as relações de trabalho da época, evidenciando que a exploração e a falta de valorização dos trabalhadores eram práticas comuns na sociedade africana. Segundo Garcia e Mesquita (2018, p.190), "As condições de trabalho eram alarmantes e variadas, incluindo a escassez de alimentação adequada, a

ocorrência de violência física e psicológica, além da ausência de salários justos, descanso semanal remunerado e folgas”. Esses fatores evidenciam um sistema que minimiza e explora os trabalhadores, perpetuando um ciclo de sofrimento e injustiça na sociedade angolana.

A tua mãe já não chora, Quinzinho, não chora porque é forte. Já viu morrer outros filhos. Nenhum morreu como tu. Despedaçado pela máquina que te escravizava e que tu amavas” (Vieira, 2007, p.88)

A frase citada revela a força e a resiliência da mãe de Quinzinho, que, apesar de já ter testemunhado a morte de outros filhos, não chora mais por ele. Essa atitude destaca a resistência das pessoas colonizadas diante das adversidades e tragédias que permeiam seu cotidiano. A prática de reprimir os sentimentos como uma estratégia de sobrevivência se tornou um aspecto crucial na vida dos negros. Como observa Hooks (2006, p. 190), ao longo dos anos, a “habilidade de esconder e mascarar os sentimentos passou a ser vista como um sinal de força”. Essa repressão emocional não é apenas uma resposta às tragédias pessoais, mas também uma adaptação ao ambiente hostil que constantemente marginaliza os indivíduos.

Além do mais, ao enfatizar a morte de Quinzinho, despedaçado pela máquina que o escravizava e que ele amava, simbolizando a relação complexa e contraditória que muitos colonizados tinham com os instrumentos de trabalho. A máquina, representante do sistema abusivo e desumanizador da colonização, é descrita como algo que Quinzinho amava. Possivelmente, porque ele a via como sua fonte de sustento ou tinha internalizado a ideologia colonizadora de que o trabalho escravizante era sua única oportunidade de ter uma vida melhor e prover sustento para sua família.

Infelizmente, o conto também retrata a trágica morte de Quinzinho, com uma riqueza de detalhes que acentua a dor da perda. Ele foi fatalmente atingido pela mesma máquina que, anteriormente, simbolizava a sua paixão e esperança. A partir de sua morte, torna-se evidente que a realidade de Quinzinho não diferia da de muitas outras pessoas que se viram forçadas a abandonar seus sonhos e aceitar a influência opressora de terceiros, resignando-se ao que o destino já havia traçado para elas. Esse ambiente cruel impunha uma rotina exaustiva,

onde as pessoas eram obrigadas a trabalhar até a exaustão para conseguir sobreviver em uma sociedade indiferente.

Mas os teus olhos demasiado abertos e o sangue vermelho cobrindo-te a cara perdoavam á tua amante de ferro. Claro que ela não se deteve com a tua morte. Fria e implacável, teve apenas uma pausa quando bateste com a cabeça cheia de poemas para ela. Imobilizou-se para te retirarem mas depois seguiu sempre, continuou a cantar a sua canção de trabalho (Vieira, 2007, p.90)

Diante da complexidade dos acontecimentos e da forma contundente como o autor descreve a crueldade do sistema exploratório do trabalho incessante das pessoas negras, em um contexto histórico específico. Conduz que indivíduos como Quinzinho eram vistos como simples peças descartáveis para atender aos interesses econômicos predominantes. Relacionando-se à máquina, constituída como a "amante de ferro", esta representação transparece a impiedade e a frieza do mecanismo autocrático, que não hesitava em sacrificar vidas humanas em nome de sua eficiência brutal de produção.

A imagem dos olhos abertos e do sangue que mancha o rosto de Quinzinho, ressoa a brutalidade da tirania, demonstrando como os trabalhadores eram tratados como simples peças substituíveis. O breve momento de pausa após a morte de Quinzinho, quando a máquina momentaneamente se detém, sugere uma interrupção na carga horária dominante, apenas para remover o corpo antes de retomar suas atividades impiedosas.

Essa narrativa nos confronta com a dolorosa realidade do abuso desenfreado e da insensibilidade sistemática que permeiam as estruturas coloniais, questionando a ética e a humanidade por trás de um progresso que se constrói sobre o sofrimento e a desolação de tantos cidadãos.

Conforme Moraes (2006, p. 37), o conto *Quinzinho* representa “uma vida que não se interrompe com a morte. Uma vida que utiliza a morte para que dela possa se plantar a memória e o surgimento de outras vidas. Uma morte que mais bem parece uma vida plantada e que dará frutos e flores no futuro.” Essa visão nos convida a perceber a morte não como um fim absoluto, mas como um momento de transição, onde as experiências vividas e os legados deixados podem brotar em novas narrativas e resiliências. A morte de Quinzinho, portanto, transcende a mera tragédia, funcionando como um catalisador para reflexão e

transformação, simbolizando a continuidade da luta e a esperança de um futuro onde as injustiças possam ser reconhecidas e reparadas.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a escrita desse trabalho, exploramos as narrativas da colonização e da resistência, utilizando a obra *A Cidade e a Infância*, de José Luandino Vieira, como uma janela para as complexidades da história angolana, revelando as experiências vividas sob o peso do colonialismo. Através da narrativa do personagem Faustino, um jovem que busca no conhecimento uma forma de escapar das limitações impostas pela realidade, somos convidados a refletir sobre o poder transformador da educação. Faustino, portanto, simboliza a esperança e a determinação de muitos que, mesmo diante da opressão, encontram nos estudos e no aprendizado uma maneira de reivindicar sua identidade e liberdade. Assim, a narrativa não apenas retrata a luta de Faustino, Quinzinho, Don'Ana, Marina, Ricardo e outros personagens mencionados, mas também nos ensina que a sabedoria é uma arma poderosa. E que nenhuma força opressora, como a censura, a polícia ou qualquer outro meio coercitivo, pode aniquilar o desejo humano de se libertar.

Ao longo da análise dos contos, destacamos temas como identidade, memória e resistência que emergem nas vivências dos personagens, ilustrando as lutas cotidianas e os sonhos de um povo em busca de autonomia. Cada conto escrito por Luandino é como uma semente que germina em um solo repleto de desafios, onde as vozes angolanas ecoam com força, entrelaçando suas experiências pessoais com os eventos históricos que moldaram sua realidade. Camargo (2010) menciona que a literatura angolana frequentemente aborda temas relacionados às tensões socioculturais e aos conflitos existentes no país, como aqueles ligados à raça, etnia e gênero. A partir dessas questões, os escritores angolanos transformam seus textos em ferramentas de luta, evidenciando uma forte presença de uma mensagem crítica que aborda os problemas que permeiam a realidade social na qual estão inseridos. Em *A Cidade e a Infância*, o autor utiliza sua própria infância como pano de fundo para explorar as nuances da formação cultural angolana, reforçando a ideia de que cada experiência individual contribui para a construção da memória coletiva

Portanto, considera-se que os objetivos traçados para este estudo foram alcançados, pois foi possível identificar e discutir as representações da resistência na obra de Vieira, além de compreender o diálogo entre essas narrativas e as realidades sociopolíticas de Angola no período colonial e pós-colonial. A pesquisa também buscou evidenciar a literatura como um meio de resiliência cultural e uma poderosa ferramenta para a construção e celebração de identidades.

Nesse sentido, observaram-se alguns resultados principais: primeiro, a obra destaca o papel da literatura como espaço de resistência e construção identitária, segundo, as narrativas revelam a maneira como os personagens absorvem e reinterpretam os conflitos sociais ao seu redor, terceiro, identificou-se que os contos são permeados por uma linguagem simbólica que enfatiza a luta pela liberdade e pela preservação cultural e por fim, foi possível perceber como Luandino Vieira utiliza sua escrita para dar voz àquelas experiências muitas das vezes silenciadas pela história oficial.

Assim, conclui-se que esse estudo contribui para uma compreensão mais aprofundada das relações entre literatura e história em contextos coloniais, especialmente no que diz respeito à representação da resistência cultural. Além disso, evidencia a relevância da obra de José Luandino Vieira como um testemunho literário das dinâmicas sociais angolanas, mostrando como a literatura pode ser um espaço vital para a reflexão crítica sobre o passado colonial e suas repercussões no presente.

Em síntese, A pesquisa proporcionou um aprendizado profundo sobre como a narrativa de Luandino captura as complexidades das experiências coloniais e as formas vibrantes da perseverança do povo angolano. Espera-se que este estudo inspire futuras investigações na rica tapeçaria da literatura africana, contribuindo para uma compreensão mais robusta das vozes que emergem dessas narrativas e do papel vital da literatura como um poderoso instrumento de resistência e valorização cultural.

## REFERÊNCIAS:

BARROS, José D'Assunção. **“História e Literatura – novas relações para os novos tempos”**. Revista de Artes e Humanidades, N.6, MAI – OUT, 2010, p. 1-27.

BAUER, Gretchen; TAYLOR, Scott D.. **Politics in Southern Africa: transition and transformation**. 2. ed. London: Lynne Rienner Publishers, 2011.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas, v. I: Magia e técnica/arte e política**. Trad. De Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BENY, Eduardo. **A Nova Geopolítica do Petróleo: Do Golfo Pérsico ao Golfo da Guiné**. Lisboa: Novo Imbondeiro, 2007.

BEZERRA, Rosilda Alves. **Narrativa de memória e identidade africana: os olhares da infância em "A cidade e a infância" de Luandino Vieira e "Bom dia camaradas" de Ondjaki**. In: XI Congresso Internacional da ABRALIC: Tessituras, Interações, Convergências, 13 a 17 de julho de 2008, USP – São Paulo, Brasil. Anais... [S.l.: s.n.], 2008.

BOMFIM, Benedito Calheiros; BRITO, Ana Acker. **A trajetória social, política e cultural da mulher no Brasil**. Revista do Ministério Público, Rio de Janeiro, n. 43, jan./mar. 2012.

BORGES, Valdeci Rezende. **História e literatura: algumas considerações**. **Revista de Teoria da História**, v. 3, n. 1, p. 94-109, 2010.

BOSI, Alfredo. **Narrativa e Resistência**. In: **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 118-135.

CAMARGO, Patrícia. **Luanda e filhos da pátria: leituras em movimento**. Dissertação de mestrado. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras). Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense. Niterói. Disponível em: [http://www.bdt.dndc.uff.br/tde\\_arquivos/23/TDE-2010-05-31T120118Z-2531/Publico/Dissertacao%20Final%20Patricia.pdf](http://www.bdt.dndc.uff.br/tde_arquivos/23/TDE-2010-05-31T120118Z-2531/Publico/Dissertacao%20Final%20Patricia.pdf).

CAMPOS, Josilene Silva. **A historicidade das literaturas africanas de língua Oficial Portuguesa**. 2008. Disponível em: <  
[26 JosileneCampos\\_AHistoricidadeDasLiteraturas](#) Acesso em 07 ago. 2024.

CASCUDO, Fernando Luiz da Câmara. **Angola: A guerra dos traídos**. Rio de Janeiro, Block Editores S A, 1979.

CHAVES, Rita e MACEDO, Tania (orgs.). **Portanto...Pepetela**, São Paulo: Ateliê, 2009.

CHAVES, Rita. **Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2005.

- FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo: Editora EBU, 2024.
- FERREIRA, Manoel. **Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa**. São Paulo: Ática, 1987.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005, 42.<sup>a</sup>
- GARCIA, Anna Marcella; MESQUITA, Valena. **Manutenção da escravidão na casa grande: Trabalho doméstico análogo ao de escravo no Brasil**. p.179-194. XXVII Encontro Nacional do CONPEDI, 2018: Salvador, Brasil.
- GUIMARÃES, A. S. A. (1999a). **Raça e os estudos de relações raciais no Brasil**. *Novos Estudos CEBRAP*, 54, 147-156.
- HAMILTON, Russell G (1981), **Literatura Africana Literatura Necessária, I – Angola**, Instituto Nacional do Livro e do Disco – INALD/ Edições 70.
- HAMILTON, Russell G. "**A literatura dos países africanos de língua oficial portuguesa**". In: *Metamorfoses* (revista). UFRJ, Cátedra Jorge de Sena, n.1, 2000, p. 187.
- HOOKS, Bell. Vivendo o amor. In: WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maisa; WHITE, Evelyn C. (orgs.). **O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe**. Rio de Janeiro: Pallas/Criola, 2006, p. 189-190.
- LARANJEIRA PIRES. **Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa**. Universidade Aberta, abril de 1975.
- LARANJEIRA, PIRES. **Mia Couto e as literaturas africanas de língua portuguesa**. *Revista de Filologia Românica*. Anejos, 185-205, 2001. Lisboa: Editorial Estampa.
- LE MOS, Jorgete. **O que é racismo institucional e como podemos combatê-lo**. 2021. Disponível em [Racismo institucional: o que é? como combatê-lo? sou racista?](#) Acesso em: 01 out. 2024.
- MACÊDO, Tania. **Monandengues, pioneiros e catorzinhas: crianças de Angola**. In: CHAVES, Rita; MACÊDO, Tania; VECCHIA, Rejane. (Org.). *A kinda e a misanga – encontros brasileiros com a literatura angolana*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Luanda: Nzila, 2007, pp. 357-373.
- MATA, Inocência. **A Alquimia da Língua Portuguesa nos Portos da Expansão em Moçambique, com Mia Couto**. *Scripta*. Belo Horizonte, v.1, n.1, p.262-268, 1º sem, 1998.

MEMMI, Albert. **Retrato do Colonizado precedido do retrato do colonizador**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

MORAES, Felipe Machado. **Uma análise sobre os aspectos marcantes das identidades do tempo (a infância) e do espaço (a cidade) “presente” nas estórias da obra A Cidade e a Infância, de José Luandino Vieira**. Revista Eletrônica do Programa de Doutorado Pós-Colonialismos e Cidadania Global, n. 2, 2006. Disponível em: <http://cabodostrabalhos.ces.uc.pt/n2/ensaios.php> . Acesso em: 07 nov. 2024.

MUDIMBE. Y. V. **Discurso do Poder e o Conhecimento da Alteridade Em: “A Invenção da África”**, Portugal, 2013.

OLIVEIRA, Adilson Vagner de; BERSANI, Ana Cássia Gualda; ALMEIDA, Thaís Fernandes. **Literatura africana pós-colonial: o diálogo entre literatura e história**. PROFICIENTIA, n. 13, 2019.

PÉLISSIER, RENÉ. **História das Campanhas de Angola. Vol. I e II**. Lisboa: Editorial Estampa, 1986.

PEPETELA. **A geração da utopia**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

PEPETELA. **Desejo de Kianda**. Lisboa: Dom Quixote, 2008a.

PEPETELA. Entrevista concedida à autora via correio eletrônico no dia 25 de julho de 2017. In: MACHADO, Carolina Bezerra. **Relações de Poder em Angola: Uma leitura dos romances de Pepetela (1975-2005)**. Tese (Doutorado em História) - Instituto de História, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2019. p. 257-259.

POLANYI, Karl. **A grande transformação**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Colección Sur Sur, CLACSO, 2005. p. 107-130.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SAFFIOTTI, Heleieth. **A mulher na Sociedade classes: mito e realidade**. São Paulo: Expressão popular, 1979.

SANTILLI, Maria Aparecida (1985), **Estórias Africanas: História e Antologia**. São Paulo: Ática.

SEVERO, Célio de Andrade. **O preconceito racial presente no conto “A fronteira de asfalto” de José Luandino Vieira**. 2017. 25, Marabá, 2017.

SILVA, Antônio Carlos Matias. **Angola: história, luta de libertação, independência, guerra civil e suas consequências.** NEARI EM REVISTA, v. 4, n. 5, 2018.1. ISSN 2447-2646.

SOUSA, Noémia. Sangue negro. (Prefácio de Carmen Lucia Tindó). Coleção Vozes da África. São Paulo: Editora Kapulana, 2016.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social.** 2. ed. Rio de Janeiro, 1983.

VIEIRA, José Luandino. **A cidade e a infância.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

VIEIRA, José Luandino. **Luuanda.** São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

VIEIRA, Luandino. "**Pela voz de Luandino Vieira.**" Entrevista por Rita Chaves e Jacqueline Kaczorowski. Literatura Afro-brasileira, 15 de dezembro de 2023. Disponível em :[Rita Chaves & Jacqueline Kaczorowski - Entrevista com Luandino Vieira - Literatura Afro-Brasileira](#) Acesso em: 11 out. 2024.

VISENTINI, Paulo G. Fagundes. **As revoluções africanas: Angola, Moçambique e Etiópia.** São Paulo: Editora UNESP, 2012.